



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES - CFP
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS - UAL
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – LÍNGUA INGLESA

FLÁVIA SARAIVA PEREIRA

**NUANCES IMPERIALISTAS EM *ORGULHO E PRECONCEITO*, DE JANE AUSTEN:
QUESTÕES DE ESPAÇO, RAÇA E CLASSE**

CAJAZEIRAS - PB

2023

FLÁVIA SARAIVA PEREIRA

**NUANCES IMPERIALISTA EM *ORGULHO E PRECONCEITO*, DE JANE AUSTEN:
QUESTÕES DE ESPAÇO, RAÇA E CLASSE**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras – Língua Inglesa, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras – Língua Inglesa.

Área de concentração: Literatura

Orientadora: Prof^a. Dr^a Daise Lilian Fonseca Dias

CAJAZEIRAS - PB

2023

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)

P436n Pereira, Flávia Saraiva
Nuances imperialista em orgulho e preconceito, de Jane Austen
questões de espaço, raça e classe / Flávia Saraiva Pereira. - Cajazeiras, RJ : UFGC/CFP, 2023.

47f.

Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Daise Lilian Fonseca Dias.
Monografia (Licenciatura em Letras-Língua inglesa) UFGC/CFP,
2023.

1.Análise literária. 2.Literatura inglesa. 3.Póscolonialismo.
4.Romance inglês. I. Dias, Daise Lilian Fonseca. II.Título.

UFGC/CFP/BS

CDU – 82.09

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Denize Santos Saraiva Lourenço CRB/15-046

FLÁVIA SARAIVA PEREIRA

**NUANCES IMPERIALISTA EM *ORGULHO E PRECONCEITO*, DE JANE AUSTEN:
QUESTÕES DE ESPAÇO, RAÇA E CLASSE**

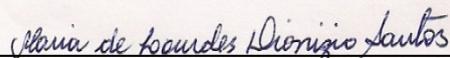
Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras – Língua Inglesa, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras – Língua Inglesa.

Aprovado em: 16 / 02 / 2023

Banca Examinadora:



Prof. Dra. Daise Lilian Fonseca Dias
(UAL/CFP/UFCG - Orientadora)



Prof. Dra. Maria de Lourdes Dionizio Santos
(Examinador interno - UFCG)



Prof. Dr. Sebastião Marques Cardoso
(Examinador externo – UERN)

*Ao meu eu de onze anos de idade, pela
concretização do nosso sonho.*

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Josefa do Nascimento Saraiva, que sempre esteve ao meu lado e batalhou muito para que eu pudesse ter a chance de ser quem sou hoje.

À minha amada família, em especial às minhas tias Francisca Ivaneide do Nascimento Saraiva e Vera Lúcia do Nascimento Saraiva, pelo apoio incondicional e por me incentivarem a continuar apesar de tudo.

À minha querida família prodígio, Álvaro Gustavo Ferreira da Silva e Edvania Barbosa Santos, que estiveram comigo durante um dos momentos mais obscuros da minha vida.

Aos meus estimados amigos e colegas de curso, especialmente Ana Beatriz da Costa Melo, João Victor Lira Mangabeira Maia e Amanda Pereira de Albuquerque, por compartilharem comigo tantos momentos de descobertas e aprendizado.

Aos professores, pelos conselhos e pela paciência com a qual guiaram o meu aprendizado.

À minha prezada orientadora, Profa. Dra. Daise Lilian Fonseca Dias, pela dedicação e compreensão ao me orientar neste trabalho.

Às pessoas com quem convivi ao longo desses anos de curso, que me incentivaram e que certamente tiveram impacto na minha formação acadêmica.

*“There is a stubbornness about me that never
can bear to be frightened at the will of others.
My courage always rises at every attempt to
intimidate me.”*

Pride and Prejudice, by Jane Austen

RESUMO

O presente trabalho objetiva analisar o romance *Orgulho e Preconceito* (1813), da escritora inglesa Jane Austen (1775-1817) à luz da teoria póscolonial. Esta obra trata das interações sociais entre a família Bennet e os demais membros da comunidade interiorana, e tipicamente inglesa, à qual pertencem. A rotina dos moradores é abalada quando o senhor Bingley arrenda uma das propriedades locais, trazendo consigo seu amigo, Darcy. O encontro entre os dois cavalheiros londrinos e as pessoas do campo desencadeia uma série de eventos que elucidam diferenças culturais e concepções preconceituosas relacionadas à hierarquias espaciais, no tocante ao binarismo campo x cidade (Londres, a capital do império inglês e cidades do interior), Inglaterra x nações por ela colonizadas, a exemplo da Escócia. A obra registra o viés imperialista adotado pela autora, embora apresente pequenos detalhes subversivos que irrompem contra típicos estereótipos ingleses, tais como, soldados do império, uma vez que o exército tem predominância neste romance, enquanto que em outra obra da autora, *Persuasion* (1818), o destaque é dado à Marinha inglesa. Assim, a narrativa em foco sutilmente revela o poderio inglês e a suposta inferioridade de quem está sob seu controle. No que concerne o aporte teórico, os autores Bonnici (1998), Césaire (1978), Ashcroft, Griffiths e Tiffin (2004; 2007), Said (2007; 2011), Spivak (2010) e Fanon (2020), dentre outros, serão utilizados para amparar as discussões apresentadas. Esta análise mostrará que a obra em apreço ilustra pensamentos imperialistas de maneira casual, ao tempo em que subverte pilares do poder inglês.

Palavras-Chave: Literatura Inglesa. Póscolonialismo. Imperialismo.

ABSTRACT

This research aims at analyzing the novel *Pride and Prejudice* (1813) by the English writer Jane Austen (1775-1817) from a postcolonial perspective. This book deals with the social interactions between the Bennet family and the other members of the typical country community to which they all belong. The residents' daily routine is disturbed when Mr. Bingley moves to one of the local properties, bringing his friend Darcy with him. The meeting between the two London gentlemen and the country's people begins a series of events that elucidates cultural differences and prejudiced conceptions related to spacial hierarchies, especially concerning the binarism the country x the city (London, the capital of the English empire and countryside areas), England x nations under its colonization, such as Scotland. This novel registers the imperialist bias adopted by the writer, although it presents little subversive details that erupt against typical English stereotypes, such as the English soldier, since the Army has a cherished place in this novel, while in another novel by the writer, *Persuasion* (1818), the English Navy is highlighted. Thus, the narrative in focus quietly shows the English power and the alleged inferiority of those under its control. Concerning the theoretical support, the authors Bonnici (1998), Césaire (1978), Ashcroft, Griffiths, and Tiffin (2004; 2007), Said (2007; 2011), Spivak (2010), and Fanon (2020), among others, will be used to support the discussions. This analysis will show that the book in focus casually illustrates imperialist thoughts while subverting pillars of English power.

Keywords: English literature. Postcolonialism. Imperialism.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO..... | 11 |
| 1. PÓSCOLONIASMO E LITERATURA..... | 14 |
| 1.1 Póscolonialismo: textos fundadores..... | 14 |
| 1.2 Literatura póscolonial: a subversão do cânone literário..... | 17 |
| 2. ASPECTOS DA POÉTICA DE JANE AUSTEN | 22 |
| 2.1 Jane Austen: questões biográficas..... | 22 |
| 2.2 Visão imperialista nos romances de Jane Austen..... | 25 |
| 3. ORGULHO E PRECONCEITO: UMA LEITURA PÓSCOLONIAL | 32 |
| 3.1 Panorama do pensamento imperialista em Orgulho e Preconceito: questões de espaço, raça e classe..... | 32 |
| 3.2 Subvertendo os pilares do poder inglês..... | 41 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 45 |
| REFERÊNCIAS..... | 46 |

INTRODUÇÃO

Meu primeiro encontro com Jane Austen (1775-1817) aconteceu quando eu tinha apenas onze anos de idade, na biblioteca da escola estadual na qual cursei os anos finais do ensino fundamental e todo o ensino médio. Eu costumava passar horas do meu dia procurando novos livros para ler e *Orgulho e Preconceito* (1813), único romance da escritora inglesa que encontrei naquelas prateleiras empoeiradas, me atraiu por causa do título. Ansiosa para descobrir o que aconteceria nas páginas seguintes, terminei de ler o romance em menos de uma semana e não consegui parar de pensar na história. Logo em seguida, reli o livro diversas vezes e comprei outros títulos da mesma autora.

A temática doméstica feminina, comum em todos os livros de Austen, foi responsável por me apresentar aos costumes culturais da Inglaterra Regencial¹, bem como incentivar meu interesse pelas aulas de história. Aquele mundo fictício, tão diferente do meu próprio, apresentado em romances repletos de boas maneiras, cavalheirismos e bailes, me fascinou de tal maneira que o presente trabalho “tomou forma” quinze anos depois da primeira vez que li *Orgulho e Preconceito*.

Inicialmente, pesquisar sobre Jane Austen e seus romances era minha única intenção, mas eu não tinha propósitos definidos ou teorias específicas para tanto. Após ingressar na universidade, percebi que analisar um livro clássico da literatura inglesa não seria uma tarefa trivial, posto que a obra já havia sido objeto de inúmeros estudos em áreas diversas. No entanto, foi nas disciplinas de literatura ministradas pela Prof^a. Dr^a. Daise Lilian Fonseca Dias que tomei conhecimento da teoria póscolonial e pude perceber infinitas possibilidades para explorar o romance que eu acreditava conhecer tão bem, mas que assumiu novas facetas às luzes do póscolonialismo. Destarte, me empenhei em reler *Orgulho e Preconceito*, desta vez me atendo aos aspectos imperialistas apresentados na obra.

De forma geral, a leitura deste livro é simples, com capítulos curtos e diálogos dinâmicos. O romance se concentra nos conflitos sociais da jovem Elizabeth, a segunda filha dos Bennet, uma típica família inglesa composta por pai, mãe e cinco filhas. A sociedade patriarcal do início do século XIX, espaço de tempo no qual o romance acontece, determina que, caso o Sr. Bennet faleça, as mulheres serão deixadas desamparadas, pois, por não terem filhos homens, as posses da família serão passadas para um primo do Sr. Bennet. Essa

¹ Período que teve início em 1811, quando o rei George III (1738-1820), considerado incapaz de governar o país, foi substituído pelo príncipe regente.

aterrorizante possibilidade é suficiente para fazer com que a Sra. Bennet se empenhe em casar todas as suas filhas com lordes que sejam capazes de prover segurança para elas. Assim, dá-se o desenrolar da trama.

Em *Orgulho e Preconceito*, Jane Austen utiliza bases do império inglês, como a monarquia, as forças armadas e a igreja, de maneira aparentemente casual. Os personagens se dividem entre pessoas do campo e da cidade, e os diálogos marcam preconceitos inerentes à desigualdade de classes. Além disso, apesar de o cenário principal ser o campo, diversas menções à Londres são feitas ao longo do livro, sempre com a ideia de que a sociedade londrina era considerada superior. Estes são os principais pontos discutidos na análise que será proposta aqui, todos apreciados à luz da teoria póscolonial. Destarte, esta pesquisa se mostra relevante por elucidar questões pouco exploradas, até então, no romance mais aclamado de Jane Austen.

No que concerne à teoria utilizada, é perceptível que as concepções sobre o colonialismo e o imperialismo foram se ampliando ao longo dos últimos sessenta anos nos quais a crítica póscolonial tem se desenvolvido, e as diversas percepções dos diferentes pensadores que se dedicaram a pesquisar nessa área resultaram em importantes contribuições para o campo de estudo que irá fundamentar a análise proposta no presente trabalho. Assim, os autores utilizados como aporte teórico serão Bonnici (1998), Césaire (1978), Ashcroft, Griffiths e Tiffin (2004; 2007), Said (2007; 2011), Spivak (2010) e Fanon (2020), dentre outros.

Quanto à estrutura deste TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), a pesquisa será organizada em três partes, todas divididas em dois subtópicos. O primeiro subtópico do capítulo um irá apresentar um breve resumo de textos teóricos, como *Pele negra, máscaras brancas* (1952), de Frantz Fanon, e *Discurso Sobre o Colonialismo* (1955), de Aimé Césaire, considerados responsáveis por protagonizarem a sistematização do pensamento póscolonial. O segundo subtópico debaterá as definições de literatura póscolonial consideradas por alguns teóricos, apresentando exemplos, como o romance *Wide Sargasso Sea* (1966), de Jean Rhys, para ilustrar os apontamentos que serão feitos.

Em sequência, o segundo capítulo tratará da biografia de Jane Austen, fazendo um elo entre sua vida pessoal e contextualização do momento histórico no qual a romancista viveu, almejando elucidar fatos que indicam as relações entre a escritora, o império inglês e as diversas nuances imperiais presentes em suas obras, fundamentando, assim, a análise que será feita no capítulo seguinte.

Por fim, o último capítulo irá propor uma leitura póscolonial do livro *Orgulho e Preconceito*, destacando o pensamento imperialista presente na obra, bem como questões de espaço, raça e classe. Para além disto, o segundo subtópico deste capítulo sugere algumas concepções subversivas que podem ser identificadas no romance em foco.

1. PÓSOLONIASMO E LITERATURA

1.1 Póscolonialismo: textos fundadores

Como é de praxe acontecer nos mais diversos campos de estudo, o termo *póscolonial* desperta amplas discussões sobre o(s) significado(s) implicado(s) em sua nomenclatura. Enquanto autores tradicionalistas tendem a delimitar o termo se baseando em períodos que aconteceram antes, durante e/ou depois da independência política de nações colonizadas (BONNICI, 2000, p. 9), a definição que será adotada neste trabalho traz a crítica póscolonial como uma ferramenta utilizada para investigar formas pelas quais diversas culturas foram, e ainda são, afetadas pelo imperialismo (ASHCROFT, 1991 *apud* BONNICI, 2000, p. 9). Tal escolha será justificada a seguir, através de um resumo dos textos teóricos que fundaram o póscolonialismo.

Em 1978, Edward Said publicou a obra *Orientalismo*, considerada responsável pela sistematização acadêmica da crítica póscolonial. A pesquisa de Said evidenciou a existência de textos anteriores à ele, à exemplo de textos como *Pele negra, máscaras brancas* (1952), de Frantz Fanon, e *Discurso Sobre o Colonialismo* (1955), de Aimé Césaire. Foram estes autores, quase sempre almejando mapear impactos impostos pela colonização às suas próprias culturas, que primeiro se debruçaram sobre questões inerentes ao colonialismo e ao imperialismo, proporcionando embasamento para obras mais recentes, como *Cultura e Imperialismo* (1994), de Edward Said. Assim, é adequado que se faça um resumo histórico das ideias abordadas nos diferentes postulados que serviram como base tanto para o início quanto para a evolução da teoria crítica, para melhor se compreender este campo do saber.

Em primeiro lugar, partindo de uma perspectiva cronológica, tem-se um escritor nascido nas Antilhas francesas, então colônia francesa da Martinica, no caso, Frantz Fanon (1925–1961), famoso por debater o racismo, notadamente em *Pele negra, máscaras brancas*, através de questionamentos como: “O que quer o homem? O que quer o homem negro?” (FANON, 2020, p. 11). Nesta obra, é possível perceber inquietações que carregam uma força proporcionada apenas pela vivência, força essa que ainda tem o poder de impactar todos aqueles que leem suas palavras mesmo tantos anos após sua publicação, em razão do poder de suas conclusões sobre o estudo da *psiqué* do negro em relação ao branco e vice-versa, notabilizando-se por ser o primeiro estudioso a realizar tal empreitada.

Somando-se a isto, Fanon era negro e caribenho, alguém que escreveu não apenas com conhecimento de causa por viver em um espaço que fora colonizado, mas com base na

observação científica, uma vez que esta obra foi sua pesquisa de conclusão do Curso de Medicina na França, onde estudou mediante o provimento de uma bolsa. Vale salientar que a obra, cujo enfoque é psicanalítico, foi reprovada, por ter sido considerada muito perturbadora para os franceses, fato que levou o autor a escrever outro trabalho às pressas, visando receber seu diploma.

É por meio da crítica que Fanon rechaça a forma pela qual a cultura europeia representa (ou deixa de representar) outras etnias, sobretudo o negro, se propondo a mostrar que, “[...] com frequência, aquilo que é chamado de alma negra é uma construção dos brancos” (FANON, 2020, p. 16). Essa ideia é similar a que o autor Edward Said (1935–2003) apresenta em *Orientalismo* (2003, p. 27), quando escreve que “O Oriente era praticamente uma invenção europeia e fora desde a Antiguidade um lugar de episódios romanescos, seres exóticos, lembranças e paisagens encantadas, experiências extraordinárias.”

A semelhança encontrada nas críticas de Fanon e de Said implicam que as premissas criadas pelo pensamento colonial estão tão enraizadas na sociedade que é difícil distinguir o que é real do que são projeções que se sobrepõem e apagam culturas diversas. Mas seria o colonizador culpado de propagar tais imagens fabricadas? Ou seria o colonizado responsável por externalizar algo que lhe foi internalizado? Em *Pele negra, máscaras brancas*, Fanon (2020, p. 14) propõe uma espécie de diagnóstico médico para analisar tais questões, e chega ao prognóstico de que “A sociedade [...] não está imune à influência humana. O homem é aquilo que faz com que a sociedade exista”. Assim, a conclusão é de que *um* homem não foi o criador de tais invenções, mas sim *o* homem. O ser humano é o responsável por infringir a sociedade com o pensamento colonial.

A definição de colonização, retratada nos livros junto a palavras como *descoberta*, foi colocada em debate por Aimé Césaire (1913-2008) em *Discurso Sobre o Colonialismo*. De forma pessoal e em primeira pessoa, o autor debate os processos violentos de invasão e opressão, as crenças que cercam colonizadores e colonizados e todo o pensamento colonial, questionando a maneira pela qual a própria história representa o colonialismo.

Césaire (1955, p. 14-15) afirma que para definir a colonização é necessário que:

Concordemos no que ela não é; nem evangelização, nem empresa filantrópica, nem vontade de recuar as fronteiras da ignorância, da doença, da tirania, nem propagação de *Deus*, nem extensão do *Direito*; admitamos, uma vez por todas, sem vontade de fugir às consequências, que o gesto decisivo, aqui, é o do aventureiro e do pirata, do comerciante e do amador, do pesquisador de ouro e do mercador, do apetite e da força, tendo por detrás a sombra projectada, maléfica, de uma forma de civilização que a dado momento de sua história se vê obrigada, internamente, a alargar à escala mundial a concorrência das suas economias antagônicas.

É fascinante perceber que esse trecho expõe a colonização não como apenas a invasão de um país, mas sim como projeção e concretização das intenções que motivaram a invasão. O colonialismo e o imperialismo foram sistemas claramente pautados na ambição de povos colonizadores que não mediam esforços para atingir seus objetivos, mas essa definição torna-se vaga por si só se consideradas teorias mais atuais, como a de Said (2011, p. 11) que diz que:

Nem o imperialismo, nem o colonialismo é um simples ato de acumulação e aquisição. Ambos são sustentados e talvez impelidos por potentes formações ideológicas que incluem a noção de que certos territórios e povos *precisam* e imploram pela dominação, bem como formas de conhecimentos filiadas à dominação: o vocabulário da cultura imperial oitocentista clássica está repleto de palavras e conceitos como “raças servis” ou “inferiores”, “povos subordinados”, “dependência”, “expansão” e “autoridade”.

Said coloca, ainda, o colonialismo como resultado de uma necessidade de auto afirmação imperialista, já que a ideia de “raças inferiores” reforça a suposta superioridade de “raças superiores”. *Ensinar* povos *bárbaros* a serem *civilizados* provoca um sentimento de importância nas auto declaradas *raças civilizadas*, uma vez que o europeu aplica este termo apenas para si, por considerar que os povos de raças *não-brancas* não são civilizados. Fanon (2020, p. 13) corrobora com essa ideia quando diz que “o branco se empenha em atingir uma condição humana”, citação que busca explicar as motivações de povos colonizadores. Em contrapartida, ao discorrer sobre a brutalidade por trás da ideologia colonial, Césaire (1978, p. 14) traz outro importante questionamento: “colonização e civilização?”.

A ideia de que os mesmos que se autodeclaram civilizados são aqueles que “[...] se proclamam os mandatários de uma ordem superior; que matam; que saqueiam [...]” (CÉSAIRE, 1978, p. 15) parece absurdamente contraditória. Nesse sentido, Césaire (1978, p. 20) discorre ainda sobre as atribuições que Ernest Renan (1823-1892) deu para cada povo, à exemplo: “uma raça de senhores e soldados é a raça europeia”. É importante destacar aqui que Renan foi um escritor francês branco e que toda a ideia de “raça superior” foi principalmente, mas não exclusivamente, propagada por pensadores europeus.

Todavia, a violência que parece tão explícita quando aqui colocada em evidência foi recebida de maneiras distintas ao longo da história. Fanon (2020, p. 16) diz que a “[...] civilização branca e a cultura europeia impuseram ao negro um desvio existencial”, o que pode explicar o fato de que:

Todo povo colonizado - isto é, todo povo em cujo seio se originou um complexo de inferioridade em decorrência do sepultamento da originalidade cultural local - se vê confrontado com a linguagem da nação civilizadora, quer dizer, da cultura metropolitana. O colonizado tanto mais se evadirá da própria selva quanto mais adotar os valores culturais da metrópole. Tão mais branco será quanto mais rejeitar sua escuridão, sua selva. No exército colonial, e especialmente nos regimentos de fuzileiros senegaleses, os oficiais nativos são, antes de mais nada, intérpretes. Servem para transmitir a seus semelhantes as ordens do senhor, gozando eles próprios de certa respeitabilidade (FANON, 2020, p. 19-20).

Destarte, é possível sintetizar as ideias apresentadas neste capítulo com os impactantes pensamentos de Fanon (2020), especialmente quando ele coloca que o colonizado não consegue fugir da colonização. O colonizado acredita que precisa se transformar no colonizador, pois apenas assim será capaz de assumir um lugar de poder dentro de uma civilização imperialista. Esta questão pode ser ilustrada nas obras de Jane Austen, sobretudo por ela ter vivido em uma sociedade imperialista, e facilmente exemplificada utilizando Frederick Wentworth, personagem de *Persuasão* (1817) que, por não ter dinheiro, foi considerado inferior pela família de Anne Elliot, sua amada, e tratado apenas como um marinheiro sem importância. Anos após a rejeição, Wentworth volta como o orgulhoso capitão da Marinha Real Britânica, tendo feito fortuna durante os anos em que passou velejando pelos mares, o que o tornou um pretendente desejável.

Este personagem, bem como a obra, será melhor explorado no capítulo referente à autora. Porém, é visível que o personagem que, inicialmente, é descrito como inferior, mas aceito de imediato pela sociedade inglesa uma vez que volta rico, ilustra a ideia de que o pensamento imperialista provoca nos excluídos pela sociedade o desejo de lutar para atingir um lugar de superioridade. Essa conclusão só é possível, porém, quando considerados os postulados de autores como Fanon e Said, que colocaram o colonialismo em debate. Com o auxílio de tais textos críticos, podemos perceber literaturas póscoloniais e reler textos considerados canônicos.

1.2 Literatura póscolonial: a subversão do cânone literário

Como posto anteriormente, as concepções seguidas neste trabalho consideram que a crítica póscolonial busca entender, através de um mapeamento histórico de escritores e acontecimentos, como diversas culturas foram, e ainda são, afetadas pelo imperialismo, se atendo a questões como raça, gênero, desigualdade de classes e a (falta de) representação de etnias que não inglesas. Nesse sentido, é concebível a conclusão de que “[...] a literatura póscolonial é o resultado da experiência de colonização baseada na tensão com o poder

colonizador” (ASHCROFT et al., 1991 *apud* BONNICI, 2005, p. 37), e que tais pontos se mostram presentes nessas literaturas.

Considerando que os estudos póscoloniais discutem como diversos campos foram, e ainda são, afetados pela cultura de povos colonizadores, é preciso que se tenha material concreto que sirva como base para que essa análise aconteça. Assim, os estudos póscoloniais utilizam diversos textos literários para facilitar o entendimento do exercício de poder, das relações materiais e culturais que moldam as relações internacionais, à luz do Colonialismo e do Imperialismo, considerando que "a literatura costuma servir como elemento mediador entre o real e o imaginário, especialmente porque o texto literário é muitas vezes utilizado para difusão das ideologias dominantes” (DIAS, 2013, p. 175).

A existência de obras consideradas cânones literários, um dos pontos contemplados pelos Estudos Culturais, abre espaço para discussões sobre um modelo de escrita criado por uma cultura dominante, apontando que um conjunto de razões políticas apropriadas são responsáveis por sustentar determinada ideologia (BONNICI, 2005, p. 18-19). É através de ferramentas como a reescrita e a releitura que é possível analisar e/ou questionar obras canônicas. Bonnici (2005, p. 52) define a reescrita como “prática discursiva póscolonial através da qual, e aproveitando-se de lacunas, silêncios, alegorias, ironias e metáforas do texto “canônico”, surge um novo texto que subverte as bases literárias, os valores e os pressupostos históricos do primeiro.”. O autor aponta, ainda, a obra *Wide Sargasso Sea*² (1966), de Jean Rhys, como exemplo de obra reescrita.

Em *Wide Sargasso Sea*, a autora caribenha denuncia a violência inerente ao racismo, ao sexismo, à discriminação de classe e a tantas outras formas de preconceito geradas pela colonização, ao contar a história de Antoinette Mason, personagem marginalizada da obra publicada em 1847 pela escritora inglesa Charlotte Brontë. Considerado um dos grandes sucessos literários de sua época, o livro *Jane Eyre* provocou certo alvoroço por narrar a trajetória da relativamente moderna personagem feminina que dá nome à obra, mas, enquanto o clássico colonial se foca no escandaloso romance entre Jane e Edward Rochester e escanteia a primeira esposa louca do senhor inglês, a reescrita póscolonial dá voz à mulher jamaicana que é enganada, vendida, silenciada, e, por fim, trancafiada em terras inglesas.

A narrativa começa em algum momento após a abolição da escravidão na Jamaica, quando a Espanha já não tinha tanto domínio sobre país quanto a Inglaterra e a França. A mãe de Antoinette, Anette, tinha acabado de se casar com o senhor Mason, um homem inglês que

² No Brasil, a obra foi publicada pela editora Rocco em 2012, com o título *Vasto Mar de Sargaços* e tradução de Léa Viveiros de Castro (MATOS, 2018).

tinha o lucro financeiro como único objetivo ao se mudar e casar com uma estrangeira. Christophine, escrava liberta e empregada de Antoinette, é responsável por tal afirmação quando diz que “ele não veio para as Índias Ocidentais para dançar - ele veio para fazer dinheiro, como todos eles fazem. Algumas das grandes propriedades estão ficando mais baratas, e o lamentável prejuízo de alguém é sempre o lucro de um homem esperto”³ (RHYS, 2022, p. 13, tradução nossa). Reforçando esse pensamento, tem-se a descrição da emancipação como um “ato glorioso” que veio para “causar problemas para alguns dos poderosos”⁴ (RHYS, 2022, p. 71, tradução nossa). Essas são passagens que, além de delimitar as intenções do senhor Mason, mostram também a crise que donos de escravos enfrentaram no que o livro retrata como “problemas da emancipação”, e como os ingleses tentaram lucrar ao comprar as terras dos senhores falidos.

Outro tema presente na obra é o racismo resultante principalmente, mas não exclusivamente, da miscigenação étnica. A própria Antoinette é alvo de comentários preconceituosos, por ser filha de um homem branco que foi dono de escravos, e a expressão *barata branca*⁵ é repetida diversas vezes ao longo do livro para se referir a ela e a sua mãe. É por causa de momentos assim que Anette passa a temer ser atacada por seus vizinhos e, desesperada, pede para seu marido que se mudem. O senhor Mason no entanto a responde se referindo aos escravos libertos como sendo “muito preguiçosos para serem perigosos”⁶ (RHYS, 2022, p. 15, tradução nossa) e “crianças - eles não machucariam nem uma mosca”⁷ (RHYS, 2022, p. 18, tradução nossa). Tais falas remetem claramente ao mito sobre o nativo. O selvagem, o preguiçoso e o sexualmente depravado são as três principais imagens estereotipadas (BONNICI, 2005, p. 42) criadas pelo discurso colonial para reduzir povos nativos à seres ignorantes que, portanto, precisam ser ensinados, catequizados e salvos, justificando a imposição da cultura europeia e reafirmando “o inevitável fardo do homem branco”, mencionado por Césaire (1978, p. 63), que reforça a imagem do colonizador como ser superior.

Há, ainda, a questão do silenciamento do sujeito colonial, ponto debatido em *Pode o Subalterno Falar?*⁸, artigo publicado primeiro em 1985 pela autora indiana Gayatri Spivak.

³ No original: "He didn't come to the West Indies to dance – he came to make money as they all do. Some of the big estates are going cheap, and one unfortunate's loss is always a clever man's gain."

⁴ No original: "Then comes the glorious Emancipation Act and trouble for some of the high and mighties."

⁵ No original: White cockroach.

⁶ No original: "They're too damn lazy to be dangerous"

⁷ No original: "They are children – they wouldn't hurt a fly"

⁸ Título original: "Can the subaltern speak?"

Utilizando o termo adotado por Antonio Gramsci⁹, Spivak afirma que o sujeito subalterno não tem espaço de fala perante os discursos daqueles que detêm o poder do conhecimento, e busca explicar sua afirmação através da discussão de ideias de diferentes pensadores, tais como Foucault, Derrida e Karl Marx. Para além disto, existe, também, a colonização da mulher debatida dentro do póscolonialismo junto à crítica feminista, linha de análise que aponta que “se o homem foi colonizado, a mulher, nas sociedades póscoloniais, foi duplamente colonizada” (BONNICI, 2000, p. 16), ideia amplamente explorada nas pesquisas de Spivak.

O fato de Antoinette não revidar quando é marginalizada pelas condições de seu nascimento, vendida pelo padrasto, difamada pelo suposto meio-irmão e, por fim, violentada física e psicologicamente pelo marido que acreditava amar prova que “entre o patriarcado e o imperialismo, a constituição do sujeito e a formação do objeto, a figura da mulher desaparece, não em um vazio imaculado, mas em um violento arremesso que é a figuração deslocada da “mulher do Terceiro Mundo¹⁰” (SPIVAK, 2010, p. 119)

É neste cenário hostil que a Antoinette de Rhys é duplamente colonizada e, inevitavelmente, se transforma na louca Bertha de Brontë. Ao dizer “então, entre vocês, eu constantemente pondero sobre quem sou e onde é o meu país e onde eu pertenco e porquê eu nasci afinal”¹¹ (RHYS, 2022, p. 77, tradução nossa) Antoinette expressa questionamentos que faz sobre si mesma a partir de um *outro*, o que a caracteriza como sujeito colonizado que possui faces do *eu* e do *outro* (HARRIS, 1973 *apud* BONNICI, 2000, p. 18). Essa *outremização*, termo criado por Spivak para se referir ao processo pelo qual o discurso imperial fabrica uma imagem do *outro* (ASHCROFT; GRIFFITHS; TIFFIN, 2007, 2007, p. 156), ilustra a separação que existe entre colonizador e colonizado, processo que pode ser identificado também no clássico *Drácula* (1897), de Abraham Stoker (1847-1912).

O conto gótico do vampiro obcecado pela sua noiva morta há quatrocentos anos é conhecido mesmo por aqueles que nunca leram o livro, pois foi adaptado e recontado inúmeras vezes. Porém, as linhas escritas pelo escritor irlandês ganham significados que vão além do romance quando debatidas pelo póscolonialismo, a começar pela ambientação. O contraste entre Londres e a Transilvânia, os dois espaços nos quais a história acontece, não se limita ao espaço geográfico, mas é projetado também nos personagens nativos de cada lugar.

⁹ O termo subalterno foi adotado pelo filósofo italiano Gramsci para se referir aos grupos considerados inferiores pela sociedade (ASHCROFT; GRIFFITHS; TIFFIN, 2007).

¹⁰ Embora a expressão “terceiro mundo” seja constantemente relacionada com a ideia de países subdesenvolvidos econômica e socialmente, o termo tem origem em 1955, na Conferência de Bandung, reunião na qual alguns países africanos e asiáticos escolheram não se alinhar ao capitalismo ou ao socialismo, almejando uma política independente dos Estados Unidos e da União Soviética.

¹¹ No original: “So between you I often wonder who I am and where is my country and where do I belong and why was I ever born at all.”

As representações contrastantes entre homem e mulher, estrangeiro e nativo, rico e pobre criam a ideia de um *outro* diferente e, portanto, inferior. O Conde Drácula é tão sombrio e solitário quanto seu castelo na Romênia, enquanto o advogado Jonathan Harker e sua esposa Mina são a representação da modernidade e civilidade londrina.

Além disto, o uso da criatura mística ilustra a ideia de que o estrangeiro veio para corromper o sangue inglês, já que Mina, após ser mordida pelo vampiro, é contaminada e transformada em um monstro destituído de qualquer comportamento considerado humano. Ela deixa de ser a representação da mulher inglesa, e passa a ser a personificação do medo de uma colonização reversa, assunto debatido no artigo *The Occidental Tourist: “Dracula” and the Anxiety of Reverse Colonization* [O Turista Ocidental: “Drácula” e a Ansiedade da Colonização Reversa], publicado em 1990 por Stephen Arata.

Sobre este medo, afirma-se que:

No discurso hegemônico colonial havia um grande receio de o europeu adotar *costumes e modos* de vida nativos. Deriva-se esse medo da crença de que a mistura com outras raças e o clima quente dos trópicos seduziram o europeu à degradação moral e psicológica. Tornando-se nativo também podia implicar na participação em ritos “pagãos”, apreciação de costumes dos nativos, adoção de um estilo de vida relaxado e preguiçoso (BONNICI, 2005, p. 43).

Este medo também é retratado, embora de forma mais sutil, em *Wide Sargasso Sea*, quando uma das criadas de Edward Rochester o defende dizendo: “Eu o conheci quando era um menino. Eu o conheci quando era um jovem rapaz. Ele era gentil, generoso, valente. Sua estadia nas Índias Ocidentais o mudou completamente”¹² (RHYS, 2022, p. 142, tradução nossa).

Assim, cabe destacar que, para Bonnici (2005), é necessário que haja uma conscientização nacional e uma ruptura com os padrões literários da metrópole para que haja uma literatura póscolonial, mas, pode-se ainda considerar textos que utilizam esse mesmo padrão de maneira subversiva, criando, assim, outra forma de literatura póscolonial, tal como acontece nos exemplos supracitados.

Por fim, o próximo capítulo será focado na vida de Jane Austen, seus livros e o contexto histórico das obras.

¹² No original: “I knew him as a boy. I knew him as a young man. He was gentle, generous, brave. His stay in the West Indies has changed him out of all knowledge”.

2. ASPECTOS DA POÉTICA DE JANE AUSTEN

2.1 Jane Austen: questões biográficas

Edward Said (2011, p. 117), afirma que “encontramos alusões aos fatos imperiais em quase todas as partes da cultura inglesa e francesa do século XIX e começo do XX, mas talvez em parte alguma com tanta regularidade e frequência como no romance inglês.” Assim, considerando que Jane Austen é conhecida pela sutileza de sua escrita, é necessário que se tenha certo conhecimento para que seja possível identificar as alusões que são escondidas pelo seu tom irônico. Destarte, me proponho a apresentar um breve resumo da biografia da romancista em apreço, do contexto de criação de suas obras e de seu estilo literário neste capítulo.

Atualmente, mais de duzentos anos após a morte da escritora, é possível encontrar inúmeras pesquisas que exploram a vida e as obras de Jane Austen (1775-1817). Em uma busca incessante, diversos pesquisadores tentam formar uma imagem concreta sobre quem foi a pessoa por trás de personagens espirituosos e linhas irônicas como “é uma verdade universalmente reconhecida que um homem solteiro, possuidor de uma grande fortuna, deve estar em busca de uma esposa”, frase responsável por iniciar o livro *Orgulho e Preconceito* (1813) e motivar incontáveis interpretações e trocadilhos.

Em 1869, seu sobrinho, James Edward Austen-Leigh, publicou a única biografia escrita por alguém que realmente conheceu Austen. Intitulado *Uma Memória de Jane Austen*¹³, o livro providencia informações e histórias sobre família, amigos e locais nos quais a autora morou, e em 1871, por ter sido bem aceito pelos leitores, James Edward escreveu uma segunda edição, acrescida de detalhes sobre alguns trabalhos incompletos e inclusão de algumas cartas pessoais escritas pela própria Austen. Nas palavras de seu sobrinho, a escritora inglesa é retratada como a “querida tia Jane”, uma pessoa amável e familiar, perfeita personificação da imagem que se tem de uma jovem inglesa de boa conduta, imagem essa questionada por pesquisadores contemporâneos relutantes em relacionar uma dócil dama a uma escritora irônica.

Contudo, apesar das contradições no que concerne à personalidade da autora, é fato que Jane Austen nasceu em 16 de dezembro de 1775, em Steventon, um vilarejo localizado no norte de Hampshire, Inglaterra, e faleceu em 18 de julho de 1817 em Winchester, capital do mesmo condado em que nasceu. Assim como outros aspectos da vida da autora, as causas de

¹³ A Memoir of Jane Austen.

sua morte prematura não são certas, mas alguns pesquisadores creditam tal tragédia à doença de Addison.

Filha do reverendo George Austen (1731-1805) e sua esposa, Cassandra Austen (1739-1827), a romancista nasceu na casa paroquial pela qual seu pai era responsável, cenário um tanto quanto parecido com a situação de vida do Sr. Collins, personagem de *Orgulho e Preconceito* que, além de ser o herdeiro do Sr. Bennet, também tem a igreja como profissão. O fato é que George Austen foi deixado órfão quando ainda era jovem e, além de ter sido adotado por parentes que lhe providenciaram educação formal, ainda precisou contar com a gentileza de seu primo, que lhe presenteou com a propriedade em Steventon (LE FAYE, 2002) assim como Collins recebeu suas terras de sua patrona Lady Catherine de Bourgh.

Além das conexões que George Austen tinha com a igreja, Cassandra se orgulhava de ter parentesco distante com a nobreza (REEF, 2011), o que permitia que toda a família fosse constantemente convidada para os bailes organizados por famílias nobres, bem como visitasse pontualmente lugares como Bath e Londres, cenários presentes nas histórias da escritora. Segundo Henry, quarto filho do casal, George era um estudioso empenhado de gosto requintado que mantinha uma biblioteca com mais de quinhentos livros, e Cassandra possuía a habilidade de compor observações cômicas sobre pessoas e eventos (TODD, 2006), talento que pode ser observado também em mais de um de seus muitos filhos.

O livro *Jane Austen: A life revealed* [*Jane Austen: Uma Vida Revelada*], publicado em 2011, apresenta uma árvore genealógica da família que abrange desde os avós até os sobrinhos de Jane Austen. A escritora teve seis irmãos e uma irmã. São eles: James (1765-1819), George (1766-1838), Edward (1767-1852), Henry (1771-1850), Cassandra (1773-1845), Francis (1774-1865) e Charles (1779-1852). Cassandra, que recebeu o mesmo nome da mãe, é retratada como a melhor amiga e responsável pela autoria do único retrato oficial da romancista inglesa. Ela também teve certa influência na educação de sua irmã mais nova, pois, por serem próximas, as duas fizeram algumas viagens juntas.

Primeiro, as irmãs foram para Oxford e Southampton, em 1783, sob os cuidados de uma parente chamada Sra. Cawley e, algum tempo depois, entre 1785 e 1786, elas foram pupilas do internato feminino da Sra. Mrs Tournelle, localizado em Reading, no condado de Berkshire, Inglaterra. Isso mostra que George e Cassandra Austen foram pessoas instruídas, preocupadas em providenciar educação para seus filhos. Entretanto, apesar do ambiente confortável e de uma rotina de estudos agradável, George Austen percebeu que não tinha condições financeiras de manter as despesas extras por muito tempo, assim, no natal de 1786, as meninas voltaram para casa (LE FAYE, 2002).

Com efeito, a família Austen tinha relações próximas com famílias da classe denominada *the gentry*, termo esse utilizado para se referir à pessoas de importante nível social e que incluía os lordes que lucravam com os rendimentos das diversas propriedades que tinham sob seu nome, muitas delas nas colônias inglesas. Para os membros deste grupo, fortuna era uma questão a se considerar, mas apenas possuir o título *gentleman*¹⁴ já incumbia certa respeitabilidade, afirmação que é atestada pela própria Austen. Em *Orgulho e Preconceito*, Lady Catherine acusa Elizabeth de ser arrogante apenas por pensar que poderia haver um casamento entre ela, “uma jovem sem família, relacionamentos ou fortuna”¹⁵(AUSTEN, 2012, p. 224), e Darcy, um *gentleman*. A resposta de Elizabeth é apenas “ele é um gentil-homem¹⁶; sou filha de um gentil-homem, portanto somos iguais”¹⁷ (AUSTEN, 2012, p. 224). Logo, mesmo que sua família não tenha sido rica, pode-se dizer que Jane Austen levou uma vida confortável, com bailes, viagens e um vasto círculo social.

Curiosamente, considerando a época e a sociedade em questão, este círculo social se expandiu para muito além das fronteiras do condado de Hampshire. No livro *Jane Austen: The World of Her Novels* [*Jane Austen: O Mundo de Seus Romances*], Le Faye (2002), pesquisadora que dedicou anos de sua vida à pesquisa sobre Jane Austen, aponta que Philadelphia (1730-1792), irmã mais velha de George Austen e, portanto, tia paterna de Jane Austen, viajou para a Índia em 1752, em busca de um marido inglês que estivesse disposto a casar com uma mulher sem dote. Seu objetivo foi alcançado e ela se casou com Tysoe Saul Hancock (1723-1775), um cirurgião que atuava na East India Company [Companhia das Índias Orientais], em Calcutá. Historicamente, esse sistema, fundado em 1600, além de focar na importação e exportação de produtos entre Índia e Inglaterra, é acusado de exploração e comercialização de escravos.

É notável, porém, que Tysoe Saul Hancock morreu no mesmo ano em que Austen nasceu, então os dois não se conheceram. Le Faye conta ainda que, após a morte do marido, Philadelphia se mudou para a França, numa tentativa de proporcionar um ambiente melhor para sua filha Eliza. Novamente, o objetivo da tia paterna de Austen foi alcançado, pois, em 1781, Eliza se casou com Jean-François Capot de Feuillide, um oficial do exército francês.

¹⁴ No inglês, o termo *gentleman* pode ter duas conotações. Segundo o dicionário Cambridge (2023), a primeira é uma maneira gentil de se referir a um homem educado, mas a segunda diz respeito ao homem que pertence à nobreza e é dono de terra. Essa última é a definição que se encaixa neste contexto.

¹⁵ Texto original: “[...] a young woman without family, connections, or fortune” (AUSTEN, 2012, p. 386)

¹⁶ No Brasil, por falta de um termo correspondente, a palavra *gentleman* é comumente traduzida como gentil-homem quando se refere ao homem nobre e dono de terras, fato explicado pelo tradutor responsável pela edição bilíngue de *Orgulho e Preconceito* publicada em 2012.

¹⁷ Texto original: “He is a gentleman; I am a gentleman’s daughter; so far we are equal” (AUSTEN, 2012, p. 386).

Juntos, eles tiveram um filho chamado Hastings, nascido em 1786, mesmo ano em que Philadelphia, Eliza e o pequeno Hastings visitaram a família Austen. Durante essa reunião familiar, James Austen, que também tinha interesse em literatura, organizou um teatro amador com seus irmãos, inclusive Jane Austen, com o objetivo de entreter a família e se divertir.

Mas nem tudo foram bailes e teatro para Austen. Boa parte da vida adulta da romancista foi marcada por conflitos entre a Grã-Bretanha e a França. Entre os propósitos expansionistas do exército Revolucionário Francês e os desejos ditatoriais de Napoleão, a Inglaterra enfrentou anos das imposições que só a guerra pode causar, como o desemprego, a colheita desastrosa de 1816 e a divergência de opiniões políticas que ameaçava dividir a sociedade (TODD, 2006). Portanto, as Guerras Napoleônicas, que aconteceram entre 1803 e 1815, talvez tenham sido o mais importante evento histórico dos anos de vida de Jane Austen.

De fato, um dos pontos tratados com orgulho na biografia escrita por James Edward Austen-Leigh é o fato de que os dois filhos mais jovens dos Austen, Francis e Charles, seguiram carreira na Marinha Real Britânica, ambos atingindo o posto de almirante, posição consideravelmente prestigiosa para os irmãos e sua família. Austen-Leigh (2011) explica ainda que essa proximidade da família com a marinha foi responsável pela precisão que Jane Austen demonstrou ao descrever atividades náuticas em obras como *Persuasão*.

Conclui-se, então, que tanto o ambiente familiar quanto o círculo social ao qual Jane Austen pertencia parecem ter sido responsáveis por estimular o interesse pela literatura e a preferência pelos temas domésticos abordados em suas obras, fato que será melhor explicado no próximo tópico, no qual será discutido a estética literária da autora.

2.2 Visão imperialista nos romances de Jane Austen

Jane Austen começou sua carreira como escritora com a mímica e a paródia, escrevendo histórias burlescas com o intuito de divertir sua família. Le Faye (2002) indica que, logo após sair do internato, Austen escreveu uma série de histórias curtas que costumava dedicar a seus parentes. Essas primeiras incursões literárias foram compiladas postumamente em uma série de três volumes intitulados *Juvenilia*¹⁸ (1954). Um dos textos que ilustra a escrita juvenil de Austen é *The History of England: From the reign of Henry the 4th to the death of Charles the 1st* [*A História da Inglaterra: do reinado de Henrique IV ao falecimento de Carlos I*], texto de poucas páginas que Austen concluiu em 1791, quando tinha apenas

¹⁸ Segundo o dicionário Cambridge (2023), a palavra *juvenilia* se refere aos trabalhos que um artista produziu quando jovem.

quinze anos de idade, e dedicou à sua irmã Cassandra. Ao se autodeclarar “uma historiadora tendenciosa, preconceituosa e ignorante”¹⁹ (AUSTEN, 2018, p. 1848, tradução nossa), a então jovem escritora deixa claro que não pretendia escrever uma obra informativa, mas oferecer opiniões pessoais sobre os monarcas que reinaram na Inglaterra entre 1399 e 1649, muitos anos antes de seu nascimento.

Em contrapartida, seus livros mais sérios e maduros retratam a vida da classe média inglesa no início do século XIX, e se enquadram no gênero romanesco intitulado romance de costumes. Sobre esse gênero, Zérafra (1974, p. 133-134) afirma que:

O romance de costumes (essencialmente actual e povoado de personagens confrontadas com problemas psicossociais concretos) é útil porque concretiza três valores, nos quais a burguesia fundamenta o seu esforço: o trabalho, a sensibilidade, o progresso. [...] O romance de costumes ensina primeiramente a realidade histórica da vida, com seus objectos, as suas moradas, os seus trabalhos, os seus conflitos de pessoas, de interesses e de classes. [...] O romance de costumes afirmará também o direito de todos à felicidade, não sendo o valor e a nobreza de sentimentos uma questão de nascimento. Enfim, e principalmente, o leitor aprenderá que a história é progresso - que ela faz a pouco e pouco a unidade dos homens, que se realizará num reino de valores. [...] O leitor seguirá uma biografia de uma personagem, porque esta escorta ou favorece a progressão da história global em direção à justiça. E se essa personagem é sensível, é que só a sensibilidade forma um todo com uma moral, que é ela mesma sentido da justiça e amor dos homens tanto quanto do trabalho. Viver deve pois aprender-se. A experiência dos aspectos mais preciosos e frequentemente mais penosos da vida social será a imagem reduzida de uma finalidade histórica global.

Em todos os livros desta romancista, é possível identificar uma personagem feminina principal na qual o enredo estará focado. Os demais personagens e os diversos cenários servem como ferramentas que auxiliam no desenvolvimento da história, pois é através da interação com o mundo ao seu redor que a heroína encontra conflitos sociais, aprende a lidar com suas emoções, amadurece como pessoa e, por fim, avança em direção ao final feliz que lhe pertence. Assim, define-se o gênero principal ao qual os romances de Austen pertencem, “nitidamente radicada nos princípios do século XVIII, e os seus deuses são Richardson, Dr. Johnson e o senso comum” (FREEDMAN, 1978, p. 22-23).

No que concerne à aceitação do público às obras de Austen, pode-se dizer que a famosa expressão popular “ame ou odeie” parece ser plenamente aplicável. Opiniões conflitantes cercam as produções literárias da autora inglesa que tem sido alvo de críticas e elogios desde sua primeira publicação, tendo como principais comentários negativos as ideias de que:

¹⁹ No original: “*a partial, prejudiced, and ignorant historian.*”

[...] Austen não confiou na sua imaginação para criar cenas a que não tivesse assistido como desejaria, por isso, é a romancista por excelência que só escreve sobre aquilo que conhece em primeira mão. E embora o mundo que descreve se limite a longas visitas aos vizinhos, a bibliotecas caseiras e casamentos, este mundo é dado com uma profundidade que foi muitas vezes chamada, e com razão, shakespeariana.

Outra crítica injusta feita com frequência a Jane Austen é que ela reescreve sempre o mesmo romance. É verdade que o namoro e o possível casamento do herói e da heroína e o seu contacto com a sociedade em que vivem são o esqueleto de todos os romances, embora cada um tenha o seu próprio cunho e características individuais (FREEDMAN, 1978, p. 23).

E, embora o autor responsável por elencar tais críticas não hesite em refutá-las com argumentos lógicos, há muito ainda por ser dito para refutar tais concepções. Com efeito, a análise de uma obra depende, também, do leitor e do que este se propõe a encontrar ao ler, mas a sutileza de Austen faz com que suas linhas, quando confrontadas por diferentes perspectivas teóricas, comportem uma vasta gama de interpretações. Por isso, diversas são as formas de se perceber os romances de Jane Austen.

Nesse sentido, convém frisar que os cenários femininos escritos por uma mulher tornam indispensável que se observe qualquer um de seus livros sob o viés do Feminismo e, quando tal é feito, percebe-se personagens decididas a denunciar - ou ir contra - a opressão do sistema patriarcal, seja através da busca por um casamento por amor, e não por dinheiro, ou pela divergência de comportamento entre a heroína e o que era esperado de uma jovem dama de sua época. Já quando se contempla a teoria do Romance de Formação [*Bildungsroman*], considerando que “[...] todos os seis amadurecidos romances de Jane Austen tratam da educação da heroína” (FREEDMAN, 1978, p. 23), nota-se viagens educativas responsáveis por ampliar os horizontes das personagens e, muitas vezes, mostrar que as opiniões que possuíam antes talvez não fossem as mais acertadas.

Por “romances amadurecidos” entendem-se *Razão e Sensibilidade*²⁰ (1811), *Orgulho e Preconceito*²¹ (1813), *Mansfield Park*²² (1814), *Emma* (1815), *A Abadia de Northanger*²³ (1818) e *Persuasão*²⁴ (1818), principais livros publicados por Austen, os quais, em ordem de argumentar com a ideia de que a autora apenas “reescreve” as mesmas histórias, serão resumidos e brevemente comentados.

Razão e Sensibilidade conta a história de duas irmãs que reagem de formas diferentes às dificuldades - financeiras e amorosas - que lhe são impostas. Elinor, a mais velha, é

²⁰ Título original: *Sense and Sensibility*.

²¹ Título original: *Pride and Prejudice*.

²² No Brasil, o título em inglês foi mantido mesmo nas versões traduzidas para a língua portuguesa.

²³ Título original: *Northanger Abbey*.

²⁴ Título original: *Persuasion*.

racional e prática, enquanto Marianne tende a ser mais emocional e sonhadora. Após a morte do pai, as mulheres Dashwood são deixadas sem nada, então, se mudam para uma casa de campo cedida à elas por um parente distante. Aqui, nota-se uma semelhança entre a autora e suas personagens. Após a morte do senhor George Austen, sua viúva, Cassandra, e suas duas filhas, Jane e Cassandra, ambas solteiras e sem filhos - status que não mudou para nenhuma das duas durante toda suas vidas - receberam de Edward, terceiro filho dos Austen, uma pequena casa de campo em Chawton.

Orgulho e Preconceito, inicialmente intitulado *Primeiras Impressões*, foi publicado pela primeira vez em 1813, mas a autora começou a escrever seus primeiros rascunhos entre 1796 e 1797, quando tinha entre vinte e um e vinte e dois anos de idade, o que pode justificar certa semelhança entre a obra em questão e os textos encontrados em *Juvenilia*, mesmo que se acredite que a romancista tenha mudado drasticamente sua história original no início de 1800 (TODD, 2006).

Mansfield Park, terceira obra publicada pela autora, narra a história de Fanny Price, uma menina frágil e tímida que, após ser adotada pelos Bertram, seus tios abastados, deixa a casa de seus pais e vai morar em Mansfield Park. Enquanto escrevia a obra, Austen relatou para sua irmã que estava encantada por um ensaio sobre política militar escrito pelo Capitão Pasley, um paternalista imperialista que tinha como objetivo unir o povo durante os conflitos contra a França (TODD, 2006). Talvez essa seja a razão pela qual *Mansfield Park* tenha um tom mais sério, retratando a igreja e o exército como profissões responsáveis por defender o país em momentos turbulentos.

Esse romance foi objeto de análise em *Cultura e Imperialismo*, livro escrito por Edward Said e publicado primeiro em 1993. O autor busca mostrar como pressupostos imperialistas exercem influência sobre o Oriente, e utiliza algumas obras literárias do século XIX para exemplificar seus argumentos. Sobre *Mansfield Park*, ele afirma que:

[...] inúmeros historiadores da cultura, e certamente todos os estudiosos de literatura, deixaram de observar a nota *geográfica*, o mapeamento e levantamento teórico do território que se encontra por trás da ficção, da historiografia e do discurso filosófico do Ocidente dessa época. Em primeiro lugar, há a autoridade do observador europeu — viajante, mercador, estudioso, historiador, romancista. A seguir, há a hierarquia de espaços segundo a qual o centro metropolitano e, aos poucos, a economia metropolitana são vistos na dependência de um sistema ultramarino de controle territorial, de exploração econômica e de uma visão sociocultural; sem isso, a estabilidade e a prosperidade em casa — e “casa” é uma palavra com ressonâncias extremamente fortes — não seriam possíveis. O exemplo perfeito do que quero dizer encontra-se em *Mansfield Park*, de Jane Austen, em que a fazenda escravagista de Thomas Bertram em Antígua é misteriosamente necessária para o equilíbrio e a beleza de Mansfield Park, local descrito em termos estéticos e morais bem antes da

disputa pela África, ou antes do início oficial da era do império (SAID, 2011, p. 112-113).

Assim, os romances de Austen, bem como outros clássicos, são analisados como arquivos que guardam registros da cultura imperialista ocidental.

Emma, talvez o segundo livro mais famoso de Austen - logo depois de *Orgulho e Preconceito* - foi o último romance publicado em vida pela escritora. Ao acompanhar Emma Woodhouse, a filha bonita e esperta de um pai rico e amoroso, descobre-se, também, uma heroína preconceituosa, com talento para impor suas próprias crenças e vontades aos outros. Ao mesmo tempo em que caprichosamente brinca de casamenteira com todos ao seu redor, a jovem, por não querer se afastar do pai e pela segurança provida pela sua fortuna, declara que jamais irá se casar. Aqui o leitor é apresentado a uma narrativa leve e de tom alegre, que, considerando que ainda se trata de um livro escrito pela autora famosa por sua sutileza, deixa diversas lacunas a serem investigadas. Oposto completo de *A Abadia de Northanger*, *Emma* faz com que o leitor, caso esse seja inclinado a análises, repense constantemente todas as linhas lidas.

Embora tenha sido publicado apenas postumamente, *A Abadia de Northanger* começou a ser rascunhado entre 1798 e 1789, foi revisado em 1803 e preparado para publicação apenas em 1816 (TODD, 2006). A narrativa se faz como paródia do Gótico, gênero do qual Austen era uma leitora ávida (FREEDMAN, 1978), e conta a história de Catherine Morland, personagem que, quando comparada à espirituosa Elizabeth Bennet ou à bela Emma Woodhouse, é consideravelmente comum, sem grandes atributos que a recomendem como heroína de um romance, ponto enfatizando nas linhas de abertura do livro. Seu maior atributo talvez seja sua imaginação fértil, resultado de seu amor pela leitura de romances góticos e, em grande parte, responsável pela trama. Misturando realidade e ficção, Catherine imagina um cenário de um assassinato que teria acontecido na Abadia de Northanger, uma casa enorme, antiga e de atmosfera sinistra. O narrador cria um cenário de suspense no qual as intenções de todos os personagens são conhecidas pelo leitor, mas não pela personagem principal.

Publicado junto com *A Abadia de Northanger* em um volume duplo, *Persuasão* foi o último livro escrito por Austen e se desenvolve em torno da miríade de emoções que cercam as desventuras amorosas de Anne Elliot, uma jovem de família tipicamente inglesa, que se apaixona por Frederick Wentworth, oficial da marinha sem posses ou títulos. A família de Anne, movida pelo preconceito, convence a jovem a desistir do que seria um casamento sem

segurança financeira. O casal rompe e, Wentworth, após ter passado alguns anos fora, retorna, agora rico e capitão da marinha, o que o transforma em um pretendente desejável.

Sobre este livro, Freedman (1978, p. 23) afirma que:

apesar de dois dos seus irmãos serem oficiais da marinha durante as Guerras Napoleônicas, nunca transparece nos seus romances que a Inglaterra não está em paz, embora no seu último romance, *Persuasão*, o herói seja um capitão da marinha.

E, de fato, a autora nunca escreveu que a Inglaterra não estava em paz, mas ela também nunca disse que estava. Austen-Leigh (2011) aponta que a romancista conseguiu ser fiel em suas descrições náuticas precisamente por causa do contato que tinha com os irmãos que eram membros da Marinha Real Britânica.

Além disto, Said (2011, p. 123) considera que

devemos, pois, ler os grandes textos canônicos, e talvez também todo o arquivo da cultura europeia e americana pré-moderna, esforçando-nos por extrair, estender, enfatizar e dar voz ao que está calado, ou marginalmente presente ou ideologicamente representado.

Assim, é necessário considerar que a obra começou a ser escrita em agosto de 1815, mesma época em que Napoleão foi derrotado e enviado para exílio (TODD, 2006), o que incita certas especulações sobre a criação de um herói que não era nobre por nascimento, mas fez fortuna por meios próprios. Portanto, apesar de não existirem detalhes sobre os meios pelos quais o capitão Wentworth fez fortuna, sabe-se que ele foi recompensado por serviços prestados à coroa inglesa, o que faz com que tais questões estejam ali, subentendidas e fornecendo material suficiente para que a obra seja analisada pela perspectiva póscolonial.

Observa-se, portanto, que todos os seis romances completos de Jane Austen abordam aspectos imperialistas, como a alusão a valores morais e sociais do império, a menção a monarquia, a presença das forças armadas britânicas, a referência à igreja, os bailes extravagantes, e diversos outros traços que exaltam e revelam o império inglês no qual a romancista viveu.

Assim, após tudo o que foi apresentado, cabe ainda acrescentar que todos os romances de Jane Austen se passam durante o período da Regência da Inglaterra, período no qual o rei George III, considerado incapaz de governar o país, foi substituído pelo príncipe regente. Mas, mesmo que compartilhem o mesmo cenário histórico, as obras supracitadas não seguem uma fórmula pronta, mas são experimentais. Em cada um dos romances é possível notar um

tipo diferente de heroína, bem como uma outra visão da sociedade e da relação entre comportamento e personalidade (TODD, 2006). O casamento por amor é comum para todas as heroínas Austen, mas cada uma chega no seu final feliz por caminhos distintos.

As mulheres Dashwood enfrentaram o futuro que a senhora Bennet tanto lutou para evitar; Elizabeth declarou que só se casaria por amor, enquanto Emma, herdeira da fortuna do pai, era livre para declarar que nunca iria se casar; o capitão Wentworth conquistou a fortuna que Wickham tanto almejava; Elizabeth e Jane conseguiram casamentos vantajosos, enquanto Anne se casou já mais velha, com um homem sem título nobre. Esses são alguns dos contrapontos responsáveis por conectar os romances de Jane Austen, ao mesmo tempo em que os tornam únicos. Isso acontece porque eles “são híbridos, romance e comédia, sátira e sentimento, conto de fadas e realismo”²⁵ (TODD, 2006, p. 25, tradução nossa).

Em suma, pode-se dizer que os romances escritos por Jane Austen retratam cenários considerados comuns para a aristocracia rural da qual ela fez parte e que sujeitos integrantes deste grupo social também serviram como inspiração para os personagens que protagonizam as tramas da romancista. Assim, mesmo se considerado que todas as narrativas da autora carregam consigo a ficção que é atribuída aos romances, quando analisados com o amparo de determinada perspectiva teórica e um conjunto adequado de informações, é cabível concluir que os livros de Austen podem servir como um guia para entender as visões que a mesma tinha do mundo ao seu redor.

No próximo capítulo, será analisado com mais vagar, o romance *Orgulho e Preconceito* (1813) objeto da nossa pesquisa. A análise mostrará a perspectiva imperialista da autora, e revelará que esta obra está centrada no Exército inglês, diferente de *Persuasão* (1818), cujo foco está ajustado para a Marinha, conforme mencionado.

²⁵ No original: “Austen’s novels are hybrids, romance and comedy, satire and sentiment, fairy tale and realism.”

3. *ORGULHO E PRECONCEITO: UMA LEITURA PÓSCOLONIAL*

3.1 Panorama do pensamento imperialista em *Orgulho e Preconceito*: questões de espaço, raça e classe

Orgulho e Preconceito (1813) não é iniciado com a descrição narrada da personagem principal e sua família, como acontece em *A Abadia de Northanger* e em *Emma*, mas sim com uma conversa entre o Sr. e a Sra. Bennet, na qual a esposa se mostra entusiasmada com a chegada do Sr. Bingley, “um jovem solteiro de grande fortuna, do norte da Inglaterra”²⁶ (AUSTEN, 2012, p. 9) que acabara de alugar Netherfield Park, uma propriedade vizinha. A dinâmica entre o casal é um tanto quanto cômica e já introduz que a busca por maridos será o foco da história, além de estabelecer o tom espirituoso da narrativa.

O Sr. Bingley traz consigo seu bom amigo, Sr. Darcy, outro jovem rico e solteiro, além de futuro par romântico de Elizabeth. Inicialmente, Darcy é recebido com o mesmo entusiasmo dedicado à Bingley, mas passa a ser desprezado por seu comportamento considerado rude e orgulhoso. Existe um contraste entre os dois amigos que pode ser resumido no seguinte parágrafo:

O Sr. Bingley era bem apessoado e cavalheiresco; ele tinha um agradável semblante e modos simples e naturais. [...] mas seu amigo, o Sr. Darcy, logo atraiu a atenção da sala com sua admirável figura esguia, seus belos traços, seu ar nobre e o boato, que estava em circulação cinco minutos após sua entrada, de sua renda anual de dez mil. Os cavalheiros o elegeram como uma excelente imagem masculina, as damas declararam que ele era muito mais bonito do que o Sr. Bingley e ele foi encarado com grande admiração por quase metade da noite, até que seus modos causaram um desgosto que reverteu sua maré de popularidade; pois se descobriu que ele era orgulhoso; que ele estava acima dos demais, acima de ser satisfeito; e nem toda a sua propriedade em Derbyshire poderia evitar que ele tivesse uma feição mais proibitiva e desagradável, e ser indigno de comparação com seu amigo ²⁷(AUSTEN, 2012, p. 13).

²⁶ Texto original: “a young man of large fortune from the North of England” (AUSTEN, 2012, p. 245)

²⁷ Texto original: “Mr. Bingley was good-looking and gentlemanlike; he had a pleasant countenance, and easy, unaffected manners. [...] but his friend Mr. Darcy soon drew the attention of the room by his fine, tall person, handsome features, noble mien, and the report which was in general circulation within five minutes after his entrance, of his having ten thousand a year. The gentlemen pronounced him to be a fine figure of a man, the ladies declared he was much handsomer than Mr. Bingley, and he was looked at with great admiration for about half the evening, till his manners gave a disgust which turned the tide of his popularity; for he was discovered to be proud; to be above his company, and above being pleased; and not all his large estate in Derbyshire could then save him from having a most forbidding, disagreeable countenance, and being unworthy to be compared with his friend” (AUSTEN, 2012, p. 247).

Estas impressões, criadas no primeiro baile no qual Darcy e Bingley comparecem, permanecem inalteradas por quase todo o romance. Apenas mais tarde Elizabeth começa a conhecer a verdadeira disposição de seu pretendente.

Da mesma maneira que são apresentadas diferenças entre os dois cavalheiros, as irmãs Bennet também recebem descrições distintas. Jane, a mais velha, é bela e recatada; Elizabeth é energética e espirituosa; Mary, a filha do meio, é descrita apenas como sem graça; Kitty e Lydia, as duas mais novas, são sempre colocadas em situações que realçam sua imaturidade e inconsequência juvenil. No mais, os personagens são apresentados aos poucos, e as descrições são feitas através de impressões preconcebidas de outros personagens, o que, considerando o primeiro título escolhido por Austen, faz completo sentido. O narrador não apresenta informações sobre o verdadeiro caráter de ninguém, o que também induz o leitor a criar julgamentos próprios no decorrer da história.

O pedido de casamento do Sr. Darcy, talvez uma das citações mais famosas de toda a história dos romances, é uma declaração de amor um tanto quanto escandalosa para sua época, mas cumpre seu papel de fazer os leitores suspirarem: “Tenho lutado em vão. Não resistirei. Meus sentimentos não serão reprimidos. Você deve permitir que eu lhe diga o quão ardentemente a admiro e a amo”²⁸ (AUSTEN, 2011, p. 122) apresenta um herói, mais importante em *status* do que qualquer outro escrito por Austen, disposto a priorizar seus próprios sentimentos, ao mesmo tempo em que reconhece, e enfatiza, que Elizabeth está abaixo dele em todos os aspectos sociais. Ao rejeitar tal pedido, Elizabeth se mostra ofendida por ser apontada como inferior, e Darcy, por sua vez, chocado por ter sido rejeitado. Assim, a declaração de amor resulta em ambos tendo o orgulho ferido.

Existe certo debate inconclusivo que tenta definir Darcy como sendo o orgulhoso e Elizabeth, preconceituosa, mas o livro apresenta cenas nas quais os dois apresentam ambas características, à exemplo o pedido de casamento supracitado. Além do mais, considerando que o título original pensado por Austen, talvez seja sensato pensar que tais palavras se relacionam não apenas com o casal principal, mas com todos os personagens deste romance repleto de primeiras impressões.

O romance central do casal principal é cercado por outras histórias, como a de Bingley e Jane. Ao contrário de Darcy, Bingley não se mostra preocupado com as diferenças de classe, e logo se encanta pela bela Jane, que, por sua vez, declara que Bingley “[...] é exatamente o que um jovem deve ser [...] sensível, bem-humorado, espirituoso; e nunca vi modos tão

²⁸ Texto original: “In vain I have struggled. It will not do. My feelings will not be repressed. You must allow me to tell you how ardently I admire and love you” (AUSTEN, 2012, p. 319).

felizes!... tanta tranquilidade, com tamanha perfeita e boa educação!”²⁹ (AUSTEN, 2012, p. 15). Mas os dois não ficam juntos facilmente, pois, enquanto Darcy e Elizabeth precisam enfrentar seus próprios orgulhos para ficarem juntos, o casal secundário precisa enfrentar Darcy e a Srta. Bingley, irmã de Bingley, que são contra tal relacionamento. Assim, as relações entre casamento e posição social se apresentam como tema principal de *Orgulho e Preconceito*.

Convém frisar que, de forma geral, todos os livros escritos por Austen oferecem vislumbres dos pensamentos críticos que a autora nutria como parte integrante da sociedade inglesa imperial. Destarte, existem diversas referências à questões imperiais em seus romances, incluindo *Orgulho e Preconceito*, mas, assim como Said (2011) precisou tecer diversas conexões históricas para analisar *Mansfield Park* (1814), aqui o mesmo será necessário, pois é preciso considerar que Jane Austen foi uma mulher escritora e que aventurou-se na escrita de um gênero considerado masculino:

[...] escrever romances nos séculos XVIII a XIX não era tarefa fácil nem para homens nem para mulheres, especialmente porque esse gênero estava em plena ascensão e escrevê-lo indicava lançar-se em uma *competição* [...] com escritores já consagrados, mas ainda no que diz respeito à questão de quem poderia escrevê-lo. Desse modo, a questão da apropriação feminina de um gênero supostamente masculino como o romance - na verdade todos os gêneros têm a sua origem na tradição masculina - e tão utilizado como ferramenta para suas necessidades de expressão, não aconteceu sem angústias por parte das autoras (DIAS, 2011, p. 2-3).

É possível, então, concluir que questões de raça, gênero, desigualdade de classes e opiniões políticas eram temas delicados para uma mulher abordar, pois esperavam que as mulheres deveriam escrever sobre amenidades, ou seja, domesticidade, questões da esfera do lar. Portanto, convém ler todas as linhas de Austen com atenção para se ter um amplo entendimento sobre momentos históricos que cercam suas obras, considerando que a mesma se apropria dos padrões europeus de literatura e os usa para escrever histórias fictícias a partir de sua própria realidade sócio-cultural.

Dias (2011) discorre sobre a existência de relações estabelecidas entre o contexto de criação da obra e as escolhas feitas pelo autor, indicando que a literatura colonial costuma propagar os valores, as crenças e os estilos da metrópole imperialista, além de apresentar certa rejeição à manifestações culturais da colônia. Narrativas como as de Austen são, deste modo, relevantes para que seja possível se ter um vislumbre interno da sociedade inglesa,

²⁹ Texto original: “[...] is just what a young man ought to be [...] sensible, good-humoured, lively; and I never saw such happy manners!—so much ease, with such perfect good breeding!” (AUSTEN, 2012, p. 249).

examinando o imperialismo do ponto de vista de alguém que foi parte integrante do império. Nesse sentido, Said (2011, p. 166) aponta que:

Seria tolo esperar que Jane Austen tratasse a escravidão como algo semelhante à paixão de um abolicionista ou de um escravo recém-libertado. [...] Sim, Austen pertencia a uma sociedade que tinha escravos, mas por causa disso iremos descartar seus romances como exercícios triviais de velharias estéticas? De forma alguma, diria eu, se levarmos a sério nossa vocação intelectual e interpretativa de estabelecer conexões, de lidar de maneira efetiva e plena com o maior número possível de indícios, de ler o que está ali e o que não está, e sobretudo de enxergar a complementaridade e a interdependência, em vez de uma experiência isolada, venerada ou formalizada que exclui e interdita a intromissão hibridizante da história humana.

O que implica que as referências que Austen faz em seus romances dificilmente podem ser entendidas como explicitamente, ou intencionalmente, revolucionárias, mas precisam ser observadas como elementos, com um propósito dentro da narrativa, usados naturalmente pela autora e, portanto, natural em sua realidade.

Quando se lê *Orgulho e Preconceito* não é possível se identificar discursos violentos ou obscuros. De fato, o oposto acontece. Austen parece ter possuído a habilidade de disseminar crenças coloniais com a típica sutileza da nobreza inglesa, o que resultou na criação de um mundo (fictício) do qual os leitores desejam ser parte. Mesmo hoje, mais de duzentos anos depois da primeira publicação do livro, multidões se apaixonam pelo universo inglês escrito pela escritora inglesa, e sonham com uma tarde de conversa com Elizabeth e suas observações cômicas, ou anseiam por uma caminhada pelos vastos campos de Pemberley.

Todo esse desejo que é instigado nos leitores se deve, em parte, ao mundo de ficção proporcionado pela literatura, mas esse sentimento pode ser entendido como algo além. Torna-se impossível não notar que essa sensação parece ser a mesma que a de uma colonização da mente, ainda que não intencional, por parte da autora. Da mesma forma que Fanon (2020, p. 12) afirma que “o negro quer ser branco”, pode-se dizer que o leitor de Jane Austen quer ser inglês. Isso porque Austen retratou um cenário pacífico de maneira a ocultar as guerras, a escravidão, e outras situações inerente aos processos coloniais que cercavam o país naquela época. Entretanto, considerando que “[...] não é possível ler a literatura britânica do século XIX sem levar em consideração que o imperialismo, compreendido como a missão social da Inglaterra, constituía uma parte crucial da representação cultural da Inglaterra para os ingleses” (SPIVAK, 1985, p. 243 *apud* BONNICI, 2000, p. 44), é possível, através de uma leitura póscolonial, encontrar traços que remetem ao mundo por trás da fantasia.

A ausência de personagens não ingleses talvez seja o mais gritante traço colonial da obra. Os sujeitos subalternos não fazem parte do conto de fadas escrito pela caneta do colonizador, e os finais felizes retratados por Austen não possuem espaço suficiente para incluir qualquer outra nacionalidade além da sua própria. Isso parece dizer muito sobre a vida da própria autora e a frequência com a qual a escritora britânica precisou perceber a presença de alguém considerado "inferior". Aqui é necessário destacar que não há a tentativa de insinuar qualquer coisa sobre o carácter da escritora em questão, mas de reforçar a ideia de que o centro não precisava se preocupar com as periferias.

Existem, no entanto, algumas menções a outros países, como referências à músicas e danças de origem escocesa, irlandesa e italiana. À exemplo, tem-se a passagem a seguir:

[...] e Mary, ao final de uma longa peça, estava feliz em adquirir elogios e gratidão com músicas escocesas e irlandesas, ao pedido de suas irmãs mais jovens que, junto com alguns dos Lucas, e dois ou três oficiais, reuniram-se com ansiedade para dançar em um canto da sala [...] O Sr. Darcy ficou próximo a eles em silenciosa indignação por tal modo de passar a noite [...] ³⁰ (AUSTEN, 2012, p. 22).

Nessas poucas linhas, pode-se perceber alguns pontos. Primeiro, Mary, filha dos Bennet, se empenha em tocar piano para as pessoas presentes, escolhendo uma clássica e longa música para apresentar; segundo, após conseguir os elogios que desejava, ela se mostra satisfeita o suficiente para aceitar tocar músicas escocesas e irlandesas, o que induz a conclusão de que ela não o faria caso não estivesse tão feliz; terceiro, os ritmos de tais músicas estrangeiras eram geralmente, apresentados como mais vivazes do que as sofisticadas – e mais lentas - melodias inglesas. Por isso, alguns personagens se animam com a chance de dançar uma música mais energética; e, por fim, Darcy se mostra indignado pela agitação do local.

Em seguida, na mesma página, quando Sir William Lucas, vizinho dos Bennet, comenta sobre a dança ser “um dos primeiros refinamentos de uma sociedade educada”³¹ (AUSTEN, 2012, p. 22), Darcy responde dizendo: “Certamente, senhor; há também a vantagem de estar em voga entre as sociedades menos polidas do mundo. Todo selvagem pode dançar.”³² (AUSTEN, 2012, p. 22). Tal comentário implica que as músicas escocesas e

³⁰ Texto original: “[...] and Mary, at the end of a long concerto, was glad to purchase praise and gratitude by Scotch and Irish airs, at the request of her younger sisters, who, with some of the Lucases, and two or three officers, joined eagerly in dancing at one end of the room. [...] Mr. Darcy stood near them in silent indignation at such a mode of passing the evening [...]” (AUSTEN, 2012, p. 253).

³¹ Texto original: “[...] one of the first refinements of polished society” (AUSTEN, 2012, p. 253).

³² Texto original: “Certainly, sir; and it has the advantage also of being in vogue amongst the less polished societies of the world. Every savage can dance” (AUSTEN, 2012, p. 253).

irlandesas tocadas não eram consideradas sofisticadas por toda sociedade inglesa, o que indica rejeição a manifestações culturais de outros países. Além disso, existe a implicância de que, ao comentar o comportamento agitado dos jovens que dançam tais obras, Darcy faz uma alusão à povos selvagens, palavra comumente usada no mito de que os povos nativos de diferentes colônias eram considerados selvagens e violentos (BONNICI, 2005).

Em contrapartida às escassas menções a outros países, existem abundantes referências à Londres, usadas, principalmente, mas não exclusivamente, para ilustrar diferenças, geralmente preconceituosas, entre a cidade e o campo. Para exemplificar, pode-se utilizar uma fala de Caroline Bingley, quando, após perceber que Elizabeth havia caminhado sozinha até Netherfield Park, diz:

Caminhar três milhas, ou quatro, ou cinco, ou quantas forem, com seus calcanhares na poeira, e sozinha, totalmente sozinha! O que ela quer dizer com isso? Parece-me mostrar um tipo abominável de presumida independência, uma indiferença interiorana ao decoro³³ (AUSTEN, 2012, p. 29).

Nesta fala, Caroline está dizendo que existe uma grande diferença comportamental entre as pessoas da cidade e as do campo. O mesmo é feito quando, por Jane estar doente em sua casa, o Sr. Bingley pensa em chamar o médico local, mas suas irmãs “[...] convencidas de que nenhum conselho interiorano seria útil, recomendaram que se fosse à cidade para buscar um dos mais eminentes médicos”³⁴ (AUSTEN, 2012, p. 32). A recomendação é considerada desnecessária, mas mostra como as pessoas da cidade desvalorizavam os profissionais do campo, fato que revela a existência de hierarquias espaciais dentro da Inglaterra também.

No entanto, Caroline foi criada em Londres, o que exerce certa influência nas suas opiniões. Assim, deve-se analisar outra fala, desta vez do Sir William Lucas, alguém que mora no interior. Ele diz: “Tive uma vez uma ideia de me fixar na cidade - pois gosto de sociedades superiores, mas não me senti muito seguro de que o ar de Londres seria bom para Lady Lucas”³⁵ (AUSTEN, 2012, p. 23)

Esta fala do Sir William Lucas expressa dois contrapontos que representam Londres. Primeiro, tem-se a ideia de que, supostamente, as pessoas da cidade são superiores às do

³³ Texto original: “To walk three miles, or four miles, or five miles, or whatever it is, above her ankles in dirt, and alone, quite alone! What could she mean by it? It seems to me to show an abominable sort of conceited independence, a most country-town indifference to decorum” (AUSTEN, 2012, p. 258).

³⁴ Texto original: “[...] convinced that no country advice could be of any service, recommended an express to town for one of the most eminent physicians” (AUSTEN, 2012, p. 259).

³⁵ Texto original: “I had once had some thought of fixing in town myself—for I am fond of superior society; but I did not feel quite certain that the air of London would agree with Lady Lucas” (AUSTEN, 2012, p. 254).

campo; em seguida, há a sugestão de que o ar londrino poderia não ser bom para a esposa do Sir Lucas, o que remete à poluição causada durante a revolução industrial do século XIX. Esse contraste entre a Inglaterra industrializada e a pureza do campo é amplamente explorado no romance *Norte e Sul* (1855), da escritora britânica Elizabeth Gaskell. Mas, apenas uma casual alusão à Londres feita por Sir Lucas, personagem não central de *Orgulho e Preconceito*, instiga a conclusão de que, apesar dos atrativos da cidade, o campo era considerado superior quando o propósito era estabelecer residência permanente, além de estabelecer o norte industrial e o sul agrícola, exaltando um cenário de pessoas ricas em ambos os espaços.

Said (2011, p.72) defende que “Os homens sempre dividiram o mundo em regiões que possuem diferenças reais ou imaginadas entre si”, e isso acontece mesmo dentro de um país. Londres representa, acima de tudo, o exercício de poder de um império inglês que estava plenamente estabelecido e buscando manter-se estável através de negócios relacionados ao comércio, assunto que já se conecta a outro aspecto colonial presente no romance de Austen.

Além das constantes menções a negócios a serem tratados em Londres, pode-se adicionar o fato de que alguns personagens fizeram fortuna com o comércio, como a família do Sr. Bingley:

Eram uma família respeitável do norte da Inglaterra; uma circunstância mais profundamente marcada nas suas memórias do que a de que a fortuna de seu irmão, e a delas próprias, haviam sido adquiridas pelo comércio. [...] O senhor Bingley herdou propriedades que valiam quase cem mil libras de seu pai, que pretendia adquirir uma fazenda, mas não viveu para tanto³⁶ (AUSTEN, 2012, p. 16).

Esse trecho insinua que a família Bingley não deveria se considerar superior às outras, pois sua fortuna havia sido adquirida através do comércio, o que era considerado inferior às heranças aristocráticas. E, por relações comerciais, tem-se uma alusão aos novos modelos mercantilistas de comércio ultramarino que foi instaurado no início do século XIX, quando a Europa havia iniciado a transformação industrial de sua economia (SAID, 2011). Então, existe aqui uma relação com o mesmo tipo de comércio mencionado em *Mansfield Park* (1814).

Said (2011, p. 156) aponta que:

A consciência imperial de Austen é obviamente muito diferente [...] Na época da autora, os ingleses mantinham uma grande atividade no Caribe e na América do Sul, notadamente Brasil e Argentina. Austen parece apenas vagamente consciente dos

³⁶ Texto original: “I had once had some thought of fixing in town myself—for I am fond of superior society; but I did not feel quite certain that the air of London would agree with Lady Lucas” (AUSTEN, 2012, p. 249-250).

detalhes dessas atividades, embora a noção da importância das extensas *plantations* nas Índias Ocidentais fosse muito difundida na Inglaterra metropolitana. [...] Minha tese é que, justamente por meio dessa estranha combinação entre ênfase e tom casual, Austen mostra estar assumindo [...] a importância de um império para a situação doméstica. E vou mais além. Visto que Austen se refere e usa Antígua da maneira que faz em *Mansfield Park*, é preciso um esforço equivalente por parte de seus leitores para entender concretamente as valências históricas em tal referência; para colocar em outros termos, devemos tentar entender a que ela se referia, por que ela lhe dava a importância que dava, e por que fez essa escolha, pois poderia ter escolhido algo diferente para fundar a riqueza de sir Thomas (SAID, 2011, p. 156).

Austen pode ter escolhido ser mais explícita com suas menções a exploração do Caribe em *Mansfield Park* porque essa informação se fazia necessária para o desenvolvimento de Fanny Price, já que as dificuldades financeiras da família Bertram eram parte dos conflitos sociais da heroína. Em *Orgulho e Preconceito*, no entanto, o envolvimento dos senhores Bingley, Lucas e Gardiner com o comércio são apenas indicadores de que existe uma lacuna entre a nobreza inglesa e a burguesia que precisou trabalhar para fazer fortuna. Isso mostra, portanto, que as relações comerciais marítimas eram parte natural da sociedade inglesa, mesmo sendo considerado algo inferior à nobreza.

Le Faye (2002) aponta que a família Austen tinha três conexões com o mundo do comércio. Primeiro, a família da esposa de James, irmão de Jane Austen, tinha uma plantação em Barbados; segundo, por alguns anos, o Sr. Austen cuidou de uma plantação na Antígua, uma ilha caribenha, em nome do filho de um amigo; e terceiro, dois sobrinhos do Sr. Austen foram para a Jamaica e passaram o resto de seus dias lá, em uma tentativa de acumular riquezas. Esses são, portanto, indicadores de que Austen tinha consciência das implicações de caráter explorador do comércio europeu.

Em contraste à toda riqueza retratada por Jane Austen, existe o fato de que diversas vezes são silenciadas em *Orgulho e Preconceito*, bem como em outras obras da escritora. Não existem negros ou índios nas linhas de Austen, mas existe a presença de criados que são mencionados, mas não exaltados. Um bom exemplo disso, é a citação “A entrada do mordomo com uma mensagem para a Sra. Bennet evitou a resposta da Srta. Bennet; a nota vinha de Netherfield e o criado esperava pela resposta”³⁷ (AUSTEN, 2012, p. 25). Tal comportamento revela que os patrões não falavam de assuntos pessoais na presença de criados, para evitar que boatos fossem espalhados.

Além da citação anterior, tem-se a passagem “De minha parte, Sr. Bingley, sempre mantenho empregados que possam fazer seu próprio trabalho; minhas filhas são criadas bem

³⁷ Texto original: “Mrs. Bennet was prevented replying by the entrance of the footman with a note for Miss Bennet; it came from Netherfield, and the servant waited for an answer” (AUSTEN, 2012, p. 255).

diferente”³⁸ (AUSTEN, 2012, p. 34). Neste caso, a Sra. Bennet se orgulha por suas filhas não precisarem fazer trabalhos domésticos, considerados inferiores e, portanto, devem ser realizados pelos criados. De fato, possuir criados também era considerado sinônimo de riqueza, como é exemplificado pelas seguintes linhas: “O Sr. Collins estava instruindo-os cuidadosamente sobre o que deveriam esperar, que a visão de tantos quartos, de tantos criados e de um jantar tão esplêndido, poderia não cansá-los completamente”³⁹ (AUSTEN, 2012, p. 105). Nesse trecho, os empregados se tornam objetos elencados como parte dos luxos oferecidos em Rosings Park, residência de Lady Catherine de Bourgh, tia de Darcy.

Com efeito, a única empregada com falas significativas em *Orgulho e Preconceito* é a Sra. Reynolds, governante de Pemberley. E suas linhas tem o propósito de enaltecer Darcy, pois são, em parte, responsáveis por Elizabeth começar a enxergá-lo de maneira mais carinhosa ao descrevê-lo da seguinte forma:

O louvor investido sobre ele pela Sra. Reynolds não era de natureza insignificante. Qual elogio pode ser mais valioso que o de uma inteligente criada? Como irmão, como senhorio, como patrão, ela considerava o quanto da felicidade de tanta gente estava sob sua guarda! - quanto de prazer ou dor estava em seu poder para investir! Quanto de bom ou ruim deveria ser feito por ele! Cada ideia que havia sido lançada pela governanta era favorável ao seu caráter e, enquanto ela permanecia de frente à tela na qual ele estava desenhado e fixava seus olhos sobre ela, ela pensava em sua consideração com um sentimento mais profundo de gratidão do que já se erguera antes, ela relembra seu ardor e suavizava seu impropriedade de expressão⁴⁰ (AUSTEN, 2012, p. 158).

Isto coloca em questão o fato de que as opiniões de Elizabeth são facilmente influenciadas. Primeiro ela decidiu que Darcy era orgulhoso por não dançar, sorrir e conversar como Bingley; depois ela ouviu as histórias de Wickham e, sem hesitar, decidiu que o orgulhoso Darcy também era um homem cruel e sem palavra; por fim, passou a admirar o poderoso senhor de Pemberley após alguns elogios tecidos por uma governanta que ela tinha acabado de encontrar pela primeira vez. Assim, os elogios da Sra. Reynolds têm peso no

³⁸ Texto original: “For my part, Mr. Bingley, I always keep servants that can do their own work; my daughters are brought up very differently” (AUSTEN, 2012, p. 261).

³⁹ Texto original: “Mr. Collins was carefully instructing them in what they were to expect, that the sight of such rooms, so many servants, and so splendid a dinner, might not wholly overpower them” (AUSTEN, 2012, p. 308).

⁴⁰ Texto original: “The commendation bestowed on him by Mrs. Reynolds was of no trifling nature. What praise is more valuable than the praise of an intelligent servant? As a brother, a landlord, a master, she considered how many people’s happiness were in his guardianship! - how much of pleasure or pain was it in his power to bestow! - how much of good or evil must be done by him! Every idea that had been brought forward by the housekeeper was favourable to his character, and as she stood before the canvas on which he was represented, and fixed his eyes upon herself, she thought of his regard with a deeper sentiment of gratitude than it had ever raised before; she remembered its warmth, and softened its impropriety of expression” (AUSTEN, 2012, p. 342-343).

romance à medida que são favoráveis à imagem de seu senhor, mas é observável que a presença de criados, sujeitos subalternos na sociedade inglesa, ilustram evidente desigualdade social entre os personagens.

3.2 Subvertendo os pilares do poder inglês

Além dos supracitados, outro importante aspecto colonial em *Orgulho e Preconceito* é a presença constante de pilares que representam e reforçam a hegemonia do poder inglês, a começar pela monarquia. O palácio de St. James, localizado no norte da Inglaterra é considerado um espaço de lazer para os membros reais, é mencionado como local no qual Sir William Lucas recebe, diretamente do rei, o título de cavaleiro como recompensa por serviços prestados à coroa. Além disso, é indicado que Darcy tinha relações que o permitiam frequentar bailes em St. James.

A igreja também está presente no romance de Austen. Já na primeira página existe a menção ao Michaelmas, ou festa de São Miguel Arcanjo, uma festa cristã celebrada em dezembro, e, ao longo do livro, existem algumas menções de personagens indo à igreja no domingo de manhã. Além disso, o Sr. Collins, clérigo que recebeu sua ordenação de Lady Catherine de Bourgh, representa a igreja como instituição mantenedora de uma profissão estável e respeitável. Entretanto, a dinâmica entre Collins e sua benfeitora retrata uma dama nobre e mesquinha que tem prazer em receber os inúmeros elogios tecidos pelo pretensioso Sr. Collins.

Além da monarquia e da igreja, o exército, que ganhou destaque durante os conflitos com a França ao lutar pela coroa inglesa, é mais um dos poderes dominantes do imperialismo inglês nesta obra. A presença do exército britânico em *Orgulho e Preconceito* é pacífica, descrita inicialmente como motivo de entusiasmo das jovens quando essas descobrem que um regimento irá acampar em Meryton. Existem inúmeras menções a patentes e outros termos relacionados às forças armadas, pois Austen coloca o soldado Wickham, primeiro interesse romântico de Elizabeth e futuro marido de Lydia, como um dos pontos principais do romance.

Ao conhecer as jovens Bennet, Wickham veste uma máscara de gentileza e boas maneiras, e demonstra compartilhar o mesmo humor espirituoso de Elizabeth. À primeira vista, Elizabeth se identifica com os sofrimentos do jovem soldado sem fortuna ou *status* fora do concedido pelas forças armadas, e acredita quando ele acusa o Sr. Darcy por ser o causador de todos os seus infortúnios. Mas suas boas maneiras são provadas falsas quando Darcy revela, em uma carta para Elizabeth, que Wickham havia tentado seduzir sua irmã, Georgiana

Darcy, com o objetivo de conseguir o dote da jovem. Mais tarde no romance, Lydia, a caçula Bennet, foge com o soldado, provando assim que Darcy dizia a verdade sobre a disposição de Wickham.

Essa fuga é um erro que indica sério desvio de conduta de Wickham e de Lydia, já que, naquela época, o casamento era um acordo feito entre famílias e existia um demorado protocolo a ser seguido. Geralmente, após o pretendente pedir e receber a permissão do pai de uma jovem, os dois iriam discutir o dote e marcar uma data para a cerimônia na igreja. Depois da oficialização do compromisso, os noivos não deveriam ser vistos sozinhos, em hipótese alguma, para que a reputação da noiva não fosse questionada. Logo, o fato de que Lydia estava viajando sozinha com Wickham, quando nem existia uma conversa sobre casamento, era inimaginável.

Além disso, havia a possibilidade de que eles pretendiam fugir para se casar na Escócia, algo que deve ser cuidadosamente considerado, pois existe a implicação de que uma grave ofensa cometida em solo inglês poderia ser amenizada através de uma união feita em um país “sem lei”, e um casamento feito às pressas - o que era possível na Escócia, mas não em Londres - não seria bem visto pela sociedade, pois só poderia significar que o casal estava tentando omitir alguma coisa, caso contrário não haveria razão plausível que justificasse ignorar totalmente a cerimônia inglesa tradicional.

Desta forma, convém deduzir que a conexão entre estes personagens considerados desvirtuados e as menções, feitas sem muitos detalhes, a um possível casamento realizado na Escócia ilustram algumas das concepções que se tinha sobre aquele país sob domínio inglês, além de mostrar que a Inglaterra fazia uso de colônias de maneira conveniente, fosse através da apropriação cultural (música e dança, como já foi explorado), da exploração comercial de recursos ou do uso conveniente de suas leis.

Pode-se, ademais, ampliar uma análise sobre o comportamento de Wickham. Apesar deste jovem ser um soldado inglês, posição que impõe certo respeito por servir à coroa, ele ainda é retratado como sendo pobre e sem título. Ele é apenas o filho de um empregado do pai do Sr. Darcy, considerado ingrato por ter se aproveitado das boas intenções de um patrão bondoso o suficiente para lhe apadrinhar e, ainda assim, ter se tornado uma vergonha para a sociedade. O exército era, portanto, um caminho que permitia a conquista de respeito e a possibilidade, mesmo que ínfima, de fazer fortuna em guerras, assim como aconteceu com Frederick Wentworth, personagem de *Persuasão* (1818), neste caso, ao lutar pela marinha inglesa.

Assim, pode-se interpretar que a máscara de falsa civilidade usada por Wickham ilustra a busca pelo reconhecimento através do fingimento. Mesmo que sem intenção de aprofundar-se na *psique* dos personagens, é plausível pensar que, quando consideradas as ideias psicanalíticas de Fanon (2020), parece claro que Wickham nutria um sentimento de inferioridade que o fez almejar se equiparar a Darcy. Sobre essa busca por reconhecimento através do fingimento, Bonnici (2005, p. 13) aponta que:

A partir de uma cultura caracterizada pela duplicidade, o colonizado poderá preencher os hiatos, criticar os valores, ridicularizar os estereótipos, inscrever-se na sua história. Essa existência irônica o faz rebelar contra o poder colonizador e exigir o reconhecimento que lhe foi negado.

Bonnici (2005) está se referindo a personagens de obras póscoloniais, o que não é o caso de *Orgulho e Preconceito*. Entretanto, pode-se fazer a analogia de que Wickham não é inglês em caráter e comportamento, apesar de o ser por nascimento, destarte suas ações consideradas ultrajantes para as boas maneiras inglesas podem representar uma forma de subversão. Após passar toda a sua juventude à sombra de Darcy, Wickham percebeu que nunca deixaria de ser o filho de um criado, então ele tentou se casar com Georgiana pela fortuna e posição, mas, no fim, se casou com Lydia em troca do dinheiro oferecido por Darcy.

Condenado a uma vida como subalterno, Wickham é um personagem que ilustra a desigualdade social presente no imperialismo. No fim, apesar de ambos terem recebido a mesma educação custeada pelo pai de Darcy, Wickham é diminuído e ridicularizado por suas origens consideradas inferiores, fato que pode ser ilustrado pela seguinte fala da Srta. Bingley:

Então, Srta. Eliza, soube que você está muito fascinada por George Wickham! [...] eu acho que o jovem rapaz esqueceu-se de lhe dizer, na sua conversa anterior, que ele é o filho do velho Wickham, o administrador do finado Sr. Darcy. Deixe-me aconselhá-la, porém, como uma amiga, a não dar confiança implícita a todas as asserções dele; pois quanto ao Sr. Darcy enganá-lo, isso é perfeitamente falso; uma vez que, ao contrário, ele sempre foi notavelmente bom para o Sr. Wickham, embora George Wickham tratasse o Sr. Darcy da mais infame maneira. Não conheço os detalhes, mas sei muito bem que o Sr. Darcy não é o menor culpado, que ele não pode suportar ouvir menção a George Wickham [...] Sua vinda para o campo é uma coisa das mais insolentes, de fato, e eu me pergunto como ele poderia inferir em fazê-lo. Lamento, Srta. Eliza, pela descoberta da culpa de seu favorito, mas, realmente, considerando a descendência dele, ninguém poderia esperar coisa melhor⁴¹ (AUSTEN, 2012, p. 66).

⁴¹ Texto original: “So, Miss Eliza, I hear you are quite delighted with George Wickham! [...] and I find that the young man quite forgot to tell you, among his other communication, that he was the son of old Wickham, the late Mr. Darcy’s steward. Let me recommend you, however, as a friend, not to give implicit confidence to all his assertions; for as to Mr. Darcy’s using him ill, it is perfectly false; for, on the contrary, he has always been remarkably kind to him, though George Wickham has treated Mr. Darcy in a most infamous manner. I do not know the particulars, but I know very well that Mr. Darcy is

Caroline Bingley escolhe defender Darcy e condenar Wickham mesmo sem saber o motivo pelo qual os dois são hostis um para com o outro. Assim, os defeitos de Wickham são imperdoáveis, pois não existe suporte financeiro para ampará-los, e, em contrapartida, o lorde inglês de grande fortuna sempre será o mocinho cujo defeitos são perdoados e justificados, como colocado na seguinte fala: “Ele gosta de agir do seu próprio jeito muito bem [...] Mas todos nós somos assim. Ele apenas tem melhores meios de fazer do que muitos outros, porque é rico e muitos outros são pobres”⁴² (AUSTEN, 2012, p. 119).

Para além de tudo mencionado até agora, parece um tanto quanto irônico que Austen tenha criado uma nobre mesquinha (Lady Catherine), um clérigo pretensioso (Sr. Collins), e um soldado com desvio de caráter (Wickham) para representar três importantes pilares da sociedade inglesa (a monarquia, a igreja e o exército), outro aspecto que pode ser considerado subversivo em *Orgulho e Preconceito*, mas, como não é possível delimitar as verdadeiras intenções da romancista inglesa, permanece o fato de que tais percepções são interpretações de uma leitura feita às luzes do póscolonialismo.

not in the least to blame, that he cannot bear to hear George Wickham mentioned [...] His coming into the country at all is a most insolent thing, indeed, and I wonder how he could presume to do it. I pity you, Miss Eliza, for this discovery of your favourite's guilt; but really, considering his descent, one could not expect much better” (AUSTEN, 2012, p. 282).

⁴² Texto original: “He likes to have his own way very well [...] But so we all do. It is only that he has better means of having it than many others, because he is rich, and many others are poor” (AUSTEN, 2012, p. 317).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo analisar o livro *Orgulho e Preconceito*, da romancista inglesa Jane Austen, sob a perspectiva da teoria póscolonial. Para tanto, foi necessário compor uma revisão bibliográfica a respeito da perspectiva teórica em uso, debater a ideia de literatura póscolonial, expor fatos sobre a vida da escritora e apresentar um resumo sobre suas principais obras.

Quanto à obra em análise, se fez possível observar a presença do pensamento imperialista através de questões de espaço, raça e classe, algo considerado comum em romances coloniais. As diversas menções à Londres, o preconceito social marcado pelas falas e crenças dos personagens, as alusões feitas ao comércio ultramarino, o escanteio de pessoas subalternas (como os criados), e a presença do exército, da igreja e da monarquia inglesa são importantes pontos que comprovam tal observação. Além disso, a leitura feita à luz do póscolonialismo mostrou que a construção de personagens, tais como, Wickham e Lady Catherine, pode indicar certo caráter subversivo deste romance, já que contradiz as concepções que cercam os pilares do poder inglês.

A partir de um estudo sobre a vida da escritora, pode-se perceber que existem semelhanças entre fatos reais e acontecimentos encontrados em suas obras, apesar de que isto não indica, necessariamente, um caráter autobiográfico dos livros. Porém, é possível concluir que tais conexões indicam que as considerações expostas ao longo desta análise literária concretizam ecos da sociedade na qual Jane Austen viveu e escreveu.

Por fim, cabe ressaltar que os apontamentos feitos no presente trabalho encerram as discussões sobre o tema abordado, posto que inúmeras são as possibilidades de interpretações quando um texto literário é analisado. Espera-se, no entanto, que as questões que foram levantadas aqui possam servir de base e inspiração para outras pesquisas voltadas para as teorias póscoloniais.

Convém frisar que não são comuns análises das obras de Austen que apontem as questões aqui levantadas, notadamente no romance em destaque. Este fato ressalta o valor da nossa pesquisa, pois certamente ela contribui com a fortuna crítica da obra em tela.

REFERÊNCIAS

AUSTEN, Jane. **Emma**. [S. l.]: AmazonClassics, 2017. E-book.

_____. **Mansfield Park**. [S. l.]: AmazonClassics, 2017. E-book.

_____. **Northanger Abbey**. [S. l.]: AmazonClassics, 2017. E-book.

_____. **Orgulho e Preconceito - Pride and Prejudice**. Edição Bilíngue. ed. São Paulo: Editora Landmark, 2012. ISBN 978-85-8070-019-0.

_____. **Persuasion**. [S. l.]: AmazonClassics, 2017. E-book.

_____. **Sense and Sensibility**. [S. l.]: AmazonClassics, 2017. E-book.

_____. **The Juvenilia of Jane Austen**. [S. l.]: JA, 2018. E-book.

AUSTEN-LEIGH, James Edward. **Memoir of Jane Austen**. [S. l.: s. n.], 2011. E-book.

ARATA, Stephen D. The Occidental Tourist: "Dracula" and the Anxiety of Reverse Colonization. In: **Victorian Studies**, v. 33, n. 4, p. 621-645, 1990.

ASHCROFT, Bill; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen. **Post-Colonial Studies: The Key Concepts**. 2ª. ed. London: Routledge, 2007.

ASHCROFT, Bill; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen. **The Empire Writes Back: Theory and practice in post-colonial literatures**. 2ª. ed. London: Routledge, 2004.

BONNICI, Thomas. Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais. In: **Mimesis**. V. 19, n. 1. Bauru, 1998. p.07-23.

CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. Trad. de Noêmia de Sousa. Lisboa: Sá de Costa, 1978.

DIAS, Daise Lilian Fonseca. *A subversão das relações coloniais em O morro dos ventos uivantes: questões de gênero*. João Pessoa: UFPB, 2011 (tese).

_____. O póscolonialismo e a literatura inglesa/Postcolonialism and the english literature. In: **Vivência: Revista de Antropologia**, v. 1, n. 41, 2013.

_____. Romance e sociedade: aspectos da produção de autoria feminina. In: **SIGET**, 2011, Natal. Gêneros textuais e ensino. Natal: UFRN, 2011. v. 1. p. 1-15.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Sebastião Nascimento e Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

FREEDMAN, Richard. **Romance**. Lisboa - São Paulo: Editorial Verbo, 1978.

GENTLEMAN. In: **Cambridge Dictionary**. Cambridge: Cambridge University Press, 2023. Disponível em: <<https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/gentleman>>. Acesso em: 07/01/2023.

JUVENILIA. In: **Cambridge Dictionary**. Cambridge: Cambridge University Press, 2023. Disponível em: <<https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/juvenilia>>. Acesso em: 07/01/2023.

LE FAYE, DEIRDRE. **Jane Austen: The World of Her Novels**. Garry N. Abrams, Inc. New York, 2002.

MATOS, Naylane Araújo. A tradução brasileira de *Wide Sargasso Sea*, de Jean Rhys. In: **Revista Letras Raras**, [S.l.], v. 7, n. 2, p. 87-109, set. 2018. ISSN 2317-2347. Disponível em: <<http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/RLR/article/view/1140/713>>. Acesso em: 06 jan. 2023. doi:<http://dx.doi.org/10.35572/rlr.v7i2.1140>.

REEF, Catherine. **Jane Austen: A life revealed**. Houghton Mifflin Harcourt, 2011.

SAID, Edward W. **Cultura e imperialismo**. 1. ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011. ISBN 978-8535919516.

SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. 1ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. ISBN 978-85-359-1045-2.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar**. UFMG, 2010.

TODD, Janet. **The Cambridge Introduction to Jane Austen**. Cambridge University Press, 2006.

ZÉRAFFA, Michel. **Romance e sociedade**. Lisboa: Estúdios Cor, 1974.